

O Morro do Cambirela é um dos pontos turísticos do município de Palhoça. No século XX, a relação dos moradores do município com o morro era baseada em lendas sobre sua origem e futuro. Muitos acreditavam que o Cambirela, ou Gambirela - como é chamado pelos cidadãos mais antigos - poderia acordar a qualquer momento. Um gigante adormecido, muitos diziam, com histórias contadas através das gerações. Famílias palhocenses de bairros à volta, inclusive da Cova Funda, possuem vista privilegiada para este que possui o ponto mais alto da cidade, a 1060 metros do nível do mar. A autora desta reportagem literária, escreveu os perfis que seguirão de frente para este gigante.

* Conto de Júlia Matos de Oliveira, bisneta de Antônia dos Santos e neta de Zita Antônia de Matos.

Continuas dormindo, Cambirela?

E lá permanece ele. Hoje, encoberto por nuvens cinzentas e espessas, deixando apenas sua silhueta à mostra, como se estivesse há longos anos de distância. Mesmo alto e imponente, me parece menos arrogante desta vez. Quem sabe os anos tenham lhe atribuído um toque de ternura que meus olhos adultos só agora conseguem ver. Estaria descansando, o meu velho Cambirela?

Na verdade, tamanha minha pretensão em afirmar que este gigante dorminhoco seria, de fato, meu. Uma vez que seus donos, se é que os têm, deveriam ser aqueles que por mais anos lhe fizeram companhia. Ou seria ele a nos acompanhar? Presumo, então, que meus pais e ainda mais meus avós possuam maior propriedade para falar dele. Palhocenses orgulhosos desse amigo solitário que estava aqui antes de nascermos e continuará depois de partirmos.

Diferente de hoje, nos dias em que o sol parece brilhar de ponta a ponta, o vejo alegre. Faço questão de, logo depois de acordar, correr para os grandes janelões no segundo andar de minha casa, e lhe dar um “oi”. Ele às vezes está para conversa. Reúne pássaros à sua cabeça, brisa sobre seu infinito quintal e quase boceja junto de mim. O Cambirela já acordou. Pergunto-me se ele sequer dorme.

Quando pequena, tinha medo deste ancião. Muitos se foram ao explorar-lhe o corpo ou, apenas, por passar voando sobre ele. Acreditei por anos que este não aceitaria desaforo e criei um respeito decorado de pavor. Não me inquietava a ideia

de o conhecer. Ele era apenas um gigante adormecido, e se ninguém o incomodasse permaneceria onde está. Ele lá, eu aqui.

O observei aos cinco, voltei minha atenção aos dez, abri minha mente aos quinze e aos vinte criei uma vontade enorme de conhecê-lo. Talvez motivada por tantas revoluções sociais recentes que nos sacodem e imploram para que deixemos de ver a vida com os olhos dos cinco ou dos dez anos de idade. Estamos mudando, você e eu. Menos o velhinho dorminhoco.

Seu nome, conservado pela língua tupi que embala a história de nossa comunidade, significa “muitos seios de leite”. Passei a me perguntar se o senhor não seria, na verdade, uma senhora, sábia e distinta, esquecida pela cultura dos homens. Um gigante tão poderoso como esse deveria ser fruto da força masculina, eles pensaram. Mas, e se a ternura, hoje encontrada por meus olhos menos imaturos, é reflexo das raízes majestosas que só uma mulher consegue ter? Sua quietude faria sentido.

Escolhi, por fim, acreditar que Cambirela transcende o tempo, contratos sociais ou mesmo achismos. Controla-se para não gargalhar na nossa cara a cada novo dia observando palhocenses e seus tropeços. Gosto de imaginar que me observa. Compreende quando a procuro em dias tristes e escuta minhas histórias largadas ao vento. Sabe quando estou feliz e quando busco sossego. Quando a olho sem dizer nada... Estarás aqui para sempre, velha gigante? Dormirás até quando, sonolento ancião?

No fim, desejo que continues aí para me ver partir, pois não sei se aguentaria o contrário.

Capítulo 01

ANTÔNIA DOS SANTOS NASCEU 1923

“Pessoal me dão licença
Eu peço para me escutar
Um pouco da minha vida
Agora eu quero contar

Em mil novecentos e vinte e três
No dia treze de junho
Aqui em São Sebastião
Eu nasci para este mundo

Eu nasci de uma família
Humilde e muito carente
Com todas as dificuldade
Nós vivia muito contente

Enquanto eu não tinha idade
De ir para a aula estudar
Em casa de meu avô
Eu gostava de ficar

João dos Santos Junio
Era o nome do meu avô
A muito tempo falecido
Já está com nossos Senhor”

As mãos de Antônia dos Santos, autora destes versos, esteve, por muitos anos, suja de barro. Nascida e criada na antiga Cova Funda, hoje São Sebastião, a palhocense decidiu, aos 80 anos de idade, contar a sua história e a de muitos

outros. Para isso, reuniu seus conhecimentos, oriundos de uma criança que mal completou a terceira série - limite educacional oferecido para os moradores de um bairro pobre do município de Palhoça na década de 20 -, para abrir o coração e a mente em um relato pessoal e histórico de uma comunidade.

O senso de comunhão, social e religioso, parece acompanhar sociedades em que a miséria tornou-se ordinária. Talvez, por precisarem incontestavelmente uns dos outros, a união, como é dito e repetido pelo tempo, faz a força. E este valor não pode ser firmado apenas por estímulos braçais. É aqui que entra a fé, uma importante catalisadora na vida dos habitantes. À época, por volta dos anos de 1920, a região da Cova Funda abrigava grupos familiares de Palhoça. Uma estrada principal ligava o local ao centro da cidade que era procurado pelos moradores nas manhãs de feira e aos sábados e domingos para professar a fé na Igreja Matriz Senhor Bom Jesus de Nazaré. Nos finais de semana era a vez de moças e moços solteiros encontrarem-se na praça 7 de Setembro, onde os flertes começavam.

Apesar do nome distinto, o local não fazia referência a cemitérios, sepulturas ou morte, naturalmente associados à palavra cova, mas a principal base de sustento de pessoas que pouco podiam plantar, mas muito podiam fazer da terra.

Nos versos seguintes, escritos em um pequeno caderno velho da marca Tilibra, Antônia cita, com nome e sobrenome, os parentes mais próximos. Mãe, pai, avós, tios, primos e primas - ligações fortalecidas pelo sangue, território, sorriso e lágrimas - aparecem como nós firmados, um a um, neste bordado de palavras.

Para uma contadora de histórias e costureira, como a maioria das moças da época, nada melhor que seguir o fio da meada. Da ponta da linha até a base do carretel, Antônia revive dias de labuta e esporádicas alegrias. Para isso, é preciso revelar um companheiro de vida de qualquer família da Cova Funda: o barro. Antigos moradores, aqueles que nas primeiras décadas do século XX fundamentaram sua alimentação básica com o que podiam plantar - mandioca, milho e café - repetem: "Nesta terra, não dava nada". A palavra "nada" pode ser hipérbole à vista que farinha e café estavam garantidos, mas ainda assim é preciso compreender que em um sistema de plantação, em que a terra deve ser arada e, após a colheita, abandonada para regenerar-se, barro nunca foi a melhor opção. Mas para esta comunidade, barro era o que tinha.

Também conhecida como argila vermelha, esta terra de poucos minerais e esperança, exigia de seus lavradores paciência e criatividade. Se farinha possuíam,

com farinha tudo era feito. Pirão com peixe, pirão com carne de sol, pirão e ovos batidos com água - mistura para fazer o alimento render -, pirão com melado. Quem tivesse feijão ou mesmo carne fresca era o mais sortudo dos homens. Mas, para uma criança que não conheceu outra realidade, o suor da lavoura e as mãos calejadas poderiam ser facilmente esquecidos por cantigas de roda, orações cantadas e luzes no céu.

“O meu tio fazia festa
De São Pedro e São João
Asendia as fogueiras
E soltava os arrojão

As mossas na quele tempo
Nestas festas se ajuntava
lão cantar ratoeira
E os namoros começava

...

Era tudo diferente
Maldade não esistia
Todos brincava e dansava
Podia ser noite ou dia

Como eu sinto saudade
Das festas daqueles dias
As moças e os rapazes
Todos se divertia”

A mãe de Antônia, Dona Augusta, teve outros cinco filhos, além da caçula da casa. Como filha mais nova, esta viu-se na obrigação de acompanhar a mãe enquanto observava os irmãos, um por um, correndo atrás da própria sina. A mais velha dos irmãos, não nomeada pelas escrituras de Antônia, foi uma mulher dedicada ao trabalho do lar e ao cuidado do avô, Seu João, que já era viúvo. O vínculo do batismo unia avô e neta e, para fazer-lhe companhia, a mais velha passou a morar com o padrinho. Só o deixou quando se casou.

O avô paterno morava próximo à casa de Antônia e seus irmãos e, junto de Augusta, ele foi responsável pela base moral cristã adotada pela família. Todos possuíam costumes e práticas católicas. Naquele tempo, o ato de professar a fé não era limitado apenas ao encontro com padres e diáconos nas missas dos finais de semana. Imagine uma comunidade reunida. Pais, mães, avós e crianças. Todos com suas melhores roupas, com os estômagos vazios pois era necessário jejum para receber o corpo de cristo, sapatos engraxados, mãos, pés e rostos bem lavados. Sentados nos bancos improvisados por madeira gasta na antiga capela do bairro, a comunidade reunia-se para, juntos, passar a próxima hora de frente para as costas de um padre que rezava em latim.

O culto era realizado, mas as orações continuavam acompanhando os moradores nas ações mais cotidianas e banais. Era comum que homens e mulheres, por exemplo, trabalhassem nas casas, roças e olarias, rezando terços. Quando o serviço era feito em grupo, um de cada vez puxava o primeiro pai-nosso. Os chamados mistérios - segmentos da vida de cristo proclamados a cada dez ave marias - dependiam do dia da semana e da quantidade de pessoas rezando. Veja bem, aos sábados e quartas-feiras, o primeiro mistério era o nascimento de Jesus. Aos domingos, a ressurreição de Cristo. Velas podiam, vez ou outra, acompanhar as rezas, principalmente nas novenas que aconteciam todos os meses em casas distintas. Até hoje, é comum que a imagem de Nossa Senhora, em seu manto azul e véu branco, viaje de casa em casa, onde permanece por alguns dias. Durante esse período são feitas novenas.

As canções de ninar também chegam aos ouvidos dos bebês por vozes de mães que, em canto e fé, pedem a proteção dos seus. Muitos recém nascidos eram embalados pelas seguintes palavras: "Mãezinha do céu, eu não sei rezar. Só sei dizer que quero lhe amar. Azul é teu manto, banco é teu véu. Mãezinha, eu quero te ver lá no céu."

Frente a padres que oravam em latim, os ensinamentos bíblicos eram, por fim, passados dentro dos lares. Foi com avô João e Dona Augusta que Antônia criou e desenvolveu sua religiosidade. Anos mais tarde, ela seria responsável pela formação de muitas crianças destinadas a completar a primeira comunhão. Mas para isto, ela foi, antes de tudo, formada pela fé do avô.

“Por eu ser a caçula
Ele gostava muito de mim
Me pegava no colo e beijava
Era um amor sem fim
...
Agradeço a Deus e meu avô
E a minha mãe querida
Pelo que me ensinavão de bom
Em toda minha vida

Pôr todas as orações
E toda a minha religião
Foi ensinada pôr minha mãe
E por meu avô amigo João
...
Ele era muito católico
Parecia que ele adivinhava
Das coisas que estava para acontecer
Tudo isto ele me falava

Ele sempre me dizia
Minha filha você vai ver
Quando chegar dois mil anos
Vai muita coisa acontecer”

Os dois mil anos chegaríam e junto deles mudanças impensáveis para a comunidade da Cova Funda. Uma delas, a troca do nome do bairro que, hoje, é repetido em homenagem ao santo padroeiro do povo que andava de barriga vazia, com os pés sujos de terra e orando por crianças amarelas. De fato, pedir ajuda a São Sebastião, soldado romano convertido ao cristianismo e morto por não negar sua fé, é coerente vindo de um povo que lutou contra a fome, consolado pela Igreja.

Para a família de Antônia, filha caçula de pais católicos, observar os irmãos mais velhos deixarem a casa em busca de qualidade de vida pareceu, por anos,

uma traição. Para ela, a família não deveria separar-se, mesmo em épocas de crise. Esta convicção lhe foi testada inúmeras vezes.

Uma delas, com a partida de um dos irmãos que decidiu deixar a pobreza em que viviam para tentar a sorte na terra do ouro. Na época, havia histórias de homens que enriqueceram nas terras do garimpo que, dizia as línguas, era cheio de *onça* e *índio*. É preciso compreender que em armazéns o quilo de farinha chegou à trinta e quatro mil réis, o que poderia parecer caro aos olhos do povo. Mas a esperança, esta, era de graça.

Não demorou para que o irmão arrumasse suas malas, ou uma pequena trouxa, para fazer uma das maiores viagens de sua vida. Antônia observou, sem poder fazer nada, a mãe definhar de saudade. O adeus nunca é fácil, mas a falta de notícias parece pesar ainda mais o coração daqueles que amam. Sem notícias do irmão por anos, a menina imagina incontáveis histórias que justifiquem a ausência dele. Mas, por fim, eram só histórias. Aqui, Antônia, que já aflorava na adolescência, entendeu que saber que um filho morreu dá à mãe a chance de chorar, viver o luto e, quem sabe, seguir em frente. Por outro lado, não saber onde o filho está é viver em luto eterno.

“A minha mãe muito chorava
Noite e dia sem parar
Pedia a Deus e nossa Senhora
Que mandace o filho voltar

Ela pediu que Deus mandace
O filho em sonho para ela ver
Que a saudade era tanta
Queria velo antes de morrer

Mais de nada adiantou
Um dia ela partiu
Foi morar no céu com Deus
E o ingrato filho ela não viu

...

Depois de muitos anos
Que a minha mãe faleceu
Um sábado estava em casa
E um carteiro apareceu

Com uma carta na mão
O carteiro me entregou
Era carta do meu irmão
Depois de muito tempo se lembrou

Era tarde de mais
Minha mãe já não existia
Já estava morando com Deus
E com os anjos em companhia.”

Capítulo 02

MADALENA DA SILVA NASCEU EM 1923

O sol nem tinha pontado atrás do morro no bairro Colônia Santana àquela hora da madrugada, mas o balaio já estava cheio de mandioca. Madalena, com apenas 9 anos, bateu com as mãos umas nas outras, afastando parte da terra que já penetrava embaixo das unhas. Tirou os olhos do chão, na cidade de São José, para procurar por Francisco, seu irmão mais velho, que sempre a acompanhava nos afazeres. A parceria se estendia na pequena olaria da família, nas brincadeiras infantis e, no fim do dia, de volta para casa. Depois de arrancar os últimos tubérculos da terra fraca, Madalena escutava seu estômago roncar. O desjejum estava próximo.

A tia de Madalena, irmã de sua mãe, já os esperava para a primeira refeição do dia. O mesmo de sempre: peixe, farinha de mandioca, açúcar e café, mas não havia comida que fortalecesse a menina que parecia sempre doente. Fosse a fome ou o trabalho, Madalena nunca estava completamente saudável. Seu pai, Manoel Antônio Fonseca, conhecido na comunidade onde moravam, e ainda mais na cidade de Palhoça, como Seu Maneca, saía cedo para trabalhar na olaria da família e voltava ao final do dia com alguns trocados. Já a madrasta, Catarina, parecia não fazer questão de alimentar os filhos alheios. Madalena era a mais nova de quinze irmãos, todos filhos da bondosa Maria Delfina. Acometida por uma doença grave, Maria deixou os filhos - aqueles que sobreviveram à miséria - nas mãos de um pai desconsolado que, poucos meses depois, se casaria novamente.

Catarina trouxe mais quatro filhos para a casa que já parecia pequena para tantas crianças, e a comida, que já era escassa, passou a ser repartida por mais bocas famintas. Mas seria injusto dizer que a situação era muito mais fácil antes de Catarina. Os mais de dez irmãos sempre dividiram o mesmo e único prato - um alguidar de barro antigo com pirão d'água e ovos batidos. Feliz era o dia em que tinham um pouco de feijão e carne, alimento reservados para os grandes fazendeiros, donos de terras.

A colher de Maria tentava dividir o pirão em partes iguais, mas as crianças sempre brigavam por mais uma garfada. Como mãe, Maria tentava apartar as discussões.

- Encham a barriga de carne- ela dizia - e parem de ficar brigando!

Mais velhos, a briga por alimento continuava e tornou-se quase uma missão impossível nos dias em que a madrasta ausentava-se. Era costume de Catarina esconder os alimentos da casa. Antes de se despedir dos filhos e enteados para uma visita às amigas em Palhoça, escondia os sacos de farinha em cima do telhado, para que nenhum desperdiçasse o pouco que havia. Francisco, que não era gente, usava as grandes caixas de madeira que guardavam os condimentos da casa para subir no telhado e resgatar o pouco que havia. Trouxe a farinha, ele dizia. Vamos todos comer e não vamos deixar nada para aquela fera!

De fato, ao retornar, a madrasta transformava-se em uma onça. Era hora de descobrir qual dos pequenos corria mais. Ainda assim, Catarina nunca os bateu. Assim como Seu Maneca que, para controlar a tempestade, levava Madalena e Francisco para a casa da avó. Lá, eles comiam bem, recebiam carinho e retornavam depois de algumas semanas menos desesperançosos.

Finalizado o café da manhã na casa da Tia, era hora de ir para a olaria. O pequeno negócio da família era fomentado por vizinhos e amigos que ajudavam na confecção de tijolos para ganhar sua parte no fim do dia. Cada um ganhava de acordo com a quantidade produzida. A dupla, Madalena e Francisco, trabalhava bem. Francisco, com cerca de 11 anos, ajudava a irmã mais nova a fazer as grandes montanhas de barro. Ao lado de cada uma delas, eram instalados dois tijoleiros. Com as mãos molhadas, os funcionários da olaria colocavam um punhado de barro nas formas e pressionaram o conteúdo até que não houvesse mais espaço no molde. Um por um, os tijolinhos eram tirados da forma e colocados no sol para secar. A água evaporava e os tijolos pareciam ficar menores. Depois de bem secos, eram levados para os grandes fornos - feitos com os próprios tijolos. Grandes aberturas, chamadas de bocas, esperavam a lenha para incitar o fogo. Madalena ficava de olho na cor da fumaça. Ela começava branquinha ou mesmo acinzentada, como as nuvens no céu, e depois de um tempo ficam mais escuras, quase pretas. Este era o momento correto de tirar os tijolinhos do forno. Estavam prontos!

Diferente das irmãs mais velhas, Madalena gostava da olaria. Lhe alegrava trabalhar com o irmão e era muito boa na arte de gradear tijolos. Colocava

cuidadosamente um do lado do outro e distribuía os conjuntos para secar. De dez em dez, os montes eram espalhados pelo terreno e para ter seu período de descanso, antes de torrar no forno. As irmãs preferiam cuidar da casa. Só deixavam o lar para se casar.

Já os irmãos, aqueles que não trabalhavam na olaria do pai, eram contratados por outras olarias do bairro da Cova Funda, em Palhoça. Em 1920, o local possuía quase trinta olarias, todas montadas por moradores da cidade, reconhecidas pelo nome do proprietário. As dívidas feitas nos pequenos mercados do bairro, eram pagos com o dinheiro adquirido pela venda de tijolos e telhados, comprados por cidades vizinhas como São José, Santo Amaro da Imperatriz e a capital, recentemente renomeada Florianópolis. Os terrenos eram pouco férteis e plantações de milho e feijão, ainda que escassas, salvavam parte da comunidade. Mal sabia Madalena que, mesmo depois de casada, continuaria com as mãos e pés enterrados no barro de outras olarias, um destino que não imaginava quando criança.

DO BARRO AO BARRO

A menina de 9 anos, que já sabia cozinhar, plantar, colher e confeccionar tijolos, cresceu depressa. Esporádicas doenças a levavam para a capital à procura de médicos, quando os chás e tinturas naturais não eram o suficiente. Apesar disso, cresceu sadia e conhecida no centro de Palhoça.

Dia sagrado para os cristãos da comunidade, a manhã de domingo reunia conhecidos no Mercado Público da cidade. Depois da missa, rezada em latim por aquele padre que ficava de costas para os fiéis e de frente para a sacristia, a venda de cardoso aglomerava a multidão na construção de tijolos, ao lado da praça 7 de Setembro. Os peixes, recém pescados, caíam das carroças. Os cidadãos levavam latas de metal para trazer os melhores para casa. Seu Maneca Fonseca, bem visto no município, chegava com seu chapéu característico. O acessório, usualmente adotado pelos homens que se locomoviam pela cidade com o sol sobre suas cabeças, possuía uma elevação em um dos lados. Quase como um bico de pássaro. Muitos gritavam:

- Ninguém tira o bico do Maneca!

E a gozação estava feita. Os vendedores separavam os melhores peixes para o homem alto que, de vez em quando, aparecia acompanhado da filha mais nova, agora uma moça.

Aos quinze anos, Lena, como havia ficado conhecida na comunidade, já andava pela cidade desacompanhada. Com seu vestido estampado por flores e o tamanco de madeira, remendado por tiras de couro que eram constantemente substituídas, a menina ficava responsável por fazer as compras na feira e vender o que sobrava da plantação. Por volta dos anos 40, Lena foi convidada para trabalhar na casa de Seu Jacinto e Dona Camila, moradores da Cova Funda, bairro palhocense reservado para famílias mais pobres. Amigos de longa data da família Fonseca, o casal era considerado, à época, bem de vida. A esposa jazia anos na cama depois que uma doença grave tomou-lhe o funcionamento das pernas. Por anos, uma grande ferida, que nunca sarava, acompanhou a mulher que experimentou certa dignidade ao lado de Madalena .

As manhãs na casa de Jacinto e Camila começavam com o desjejum preparado por Lena. A casa era organizada e limpa pelas mãos da menina que deixou o barro para cuidar da enferma. A casa, os filhos, o marido, e até a saúde da esposa passaram a ser responsabilidade dela, que trabalhou como governanta, ou mais que isso. As roupas da família eram lavadas por estas mesmas mãos que deixaram os calos conquistados por anos na olaria - na emolduração de tijolos e transporte das carreiras - para ganhar cicatrizes nos fogões da residência.

O banho de Camila era realizado sempre no fim do dia, assim como a última refeição da família. Durante a tarde, Madalena costumava preparar “bolo na folha de bananeira”, receita simples e característica aprendida com mulheres da comunidade de Palhoça.

Receita de bolo de farinha de milho na folha de bananeira, segundo Dona Lena.

Ingredientes:

Banha de porco

Farinha de milho

Banana (quando tinha)

Açúcar (quando tinha)

Modo de preparo:

Em um recipiente - alguidar de barro serve - junte a banha e a farinha de milho. Caso tenha banana, ou açúcar - melado também serve - una à massa. Depois de misturar os ingredientes, coloque a massa dentro da folha de bananeira. A embrulhe como se fosse um presente para um amigo querido. Depois de embrulhado, leve até a chapa do fogão à lenha. De acordo com Madalena, deixe cozinhando por um “tempinho”. Quando a folha da bananeira começar a amarelar é sinal de que é hora de virar. Faça o mesmo com o outro lado da massa e já está pronto.

O bolo de farinha de milho na folha de bananeira combina muito bem com café colhido atrás de casa, peneirado e socado no pilão e servido para mais de uma vizinha fofqueira.

Apesar de lhe trazer grande cansaço, o trabalho na casa da Cova Funda também possibilitou que Madalena conhecesse aquele que se tornaria seu marido. O rapaz era conhecido por Seu Jacinto e passou a frequentar a casa com mais assiduidade depois de ser apresentado à menina responsável por cuidar de Camila e fazer os bolinhos na folha de bananeira mais cheirosos.

Depois de alguns meses de namoro, o casal apaixonado desenvolveu um plano. João roubaria Madalena, uma das estratégias usadas por casais desajuizados e esperançosos. Crime cometido, os pais de Madalena só poderiam esperar que se casassem, já que a honra da filha estava ameaçada pela vizinhança que já passava a fofoca de porta em porta: a filha do Seu Maneca fugiu para casar. O matrimônio foi realizado no mesmo ano em que se conheceram e, da olaria que ainda sobrevivia nas mãos do pai, Madalena, nova moradora do bairro Cova Funda, retornou para os trabalhos braçais na confecção de tijolos. Agora, acompanhando o marido na nova empreitada.

Os dois, junto dos funcionários da olaria, foram responsáveis pela produção de incontáveis tijolos. Estes, eram vendidos para outras cidades, onde passavam a fazer parte de construções, fossem comércios, edifícios, ou mesmo novos lares. Tijolinhos alaranjados, produzidos pelas mãos de uma família, já que Madalena e João tiveram oito filhos. Destes, cinco mulheres e três homens. Cada um, à sua época, trabalhou com os pais e vizinhos no empreendimento da família Silva, sobrenome adotado por Madalena após o casório.

Aos olhos daqueles que compartilhavam o dia a dia com o casal - amigos, parentes e funcionários - o companheirismo e dedicação um para com o outro eram únicos. João vivia ao lado de Madalena , mesmo quando ela, apressada e impaciente, reclamava aos quatro ventos que não tinha tempo para finalizar os afazeres de casa. O marido, por sua vez, permanecia sempre cauteloso e paciente. Aos domingos, na década de 60, as manhãs eram agitadas enquanto as crianças eram preparadas para a missa. João e Madalena , com suas melhores roupas - as chamadas vestes de domingo, caminhavam juntos para celebrar a fé no maior ponto de encontro da comunidade, a capela São Sebastião. Cada um levava um bebê no colo. Durante o trajeto, vizinhos saíam de suas casas, muito bem arrumados e ainda em jejum para receber a eucaristia, e acompanhavam o casal quase em procissão. Ao longo dos anos, a criação dos filhos diminuiu a frequência de Madalena nas celebrações.

Durante as principais refeições do dia, Seu João esperava até que a esposa sentasse à mesa e iniciasse sua refeição para, então, acomodar-se para almoçar ou jantar. Jamais fazia uma refeição sozinho. Fora da olaria, ele continuava trabalhando. Nunca estava parado. No início do casamento, ocupava-se em construir, e mais tarde em reformar, a casa de madeira que possuíam. E esta é uma das maiores curiosidades do bairro da Cova Funda: apesar da grande produção de tijolos nas primeiras décadas do século XX pelas 50 olarias ativas no território, quase todas as casas eram feitas de madeira. O povo ganhava com a venda de tijolos para outros municípios, nunca para a própria comunidade.

Alguns anos mais tarde, não satisfeito, João que passou quase a vida toda produzindo tijolos questionou-se quando teria uma casa construída com eles. Sendo assim, decidiu que aos poucos doaria força e vontade para levantar o lar que se encontra até hoje no bairro.

O casal viveu para ver os filhos, netos, bisnetos e tataranetos crescerem bem e em saúde, até que só eles restassem na casinha feita por João. Companheiros, Ele e Madalena são queridos pela comunidade que acompanhou suas lutas e vitórias. Seu João, há cinco anos, completou o centenário em uma grande festa na comunidade. Poucos meses antes de completar seus 101 anos, o senhor curioso - que sempre tinha algo para contar ou perguntar aos netos - faleceu em um mal súbito. Madalena não deixou que ele fosse velado em nenhum outro local, se não a casa que ele tanto se dedicou. Já a menina que sempre apresentou problemas de

saúde, hoje, está lúcida e comunicativa, ainda que um pouco fraca, aos seus 99 anos de idade.

Cabelos completamente brancos, mãos enrugadas e voz baixa, a idosa tem dificuldade para lembrar do ontem. Mas quando perguntam-lhe sobre sua infância, ela ainda está viva e forte na memória.

- Sabe por que estou aqui ainda, minha filha? - ela perguntou sorrindo enquanto contava sua história. - Porque enquanto o João era aquele homem bom, eu fui muito brava. Por isso, Deus está me deixando mais um tempinho aqui na terra para pagar os meus antes de ir!

Ser brava foi a opção que lhe restou em um mundo que nem sempre foi justo, mas sempre lhe deu oportunidades para viver. Brava também significa persistência frente à vida e seus percalços. Mesmo enquanto relembra dificuldades enfrentadas na miséria ou mesmo na labuta diária, a idosa não é capaz de finalizar uma frase sequer sem unir as mãos como em uma reza e dizer:

- Mas Deus foi bom. Nós sobrevivemos!

Para ela, o que lhe resta é esperar que no fim, como todos um dia, ela retorne para o mesmo barro que lhe deu a chance de trabalhar e viver.

Capítulo 03
ANTÔNIA DOS SANTOS
NASCEU 1923

“Quando meu irmão foi embora
Veja que situação
Aqui se chamava Cova Funda
Agora é São Sebastião

...

Ele queria encontrar
A pobreza que ele deichou
Encontrou tudo diferente
Deus do céu nos ajudou

Lá no meio do garimpo
Ele perdeu a mocidade
Procurando ficar rico
Para ter mais liberdade

Arriscou a própria vida
Em um serviço perigoso
Ficou muito revoltado
E também muito nervoso

Entretido no serviço
Não viu os anos passar
Ficou velho e doente
Não podia mais trabalhar

Não adiantou nada
Tanto que ele trabalhou
Longe de sua família
E sempre pobre ele ficou

...

Do povo do Mato Grosso
Ele sentia muita saudade
Morou mais tempo com eles
Que com sua família de verdade”

A luta incessante por melhores condições de vida também exigiam deste povo certa criatividade. O pouco acesso a programas culturais, por exemplo, fazia com que as crianças pedissem que os pais e avós cantassem, dançassem e ou criassem histórias. É comum que moradores antigos do bairro Cova Funda, ou mesmo aqueles que cresceram engajados com a comunidade, relembrem do talento para a elaboração de rimas que nasciam na maioria das casas. Havia senhores, que ao fim do dia, agrupavam-se nas janelas e criavam pequenas canções rimadas sobre os vizinhos. Quando os versos beiravam ao *bullying*, mais graça havia. Enquanto todos retornavam para casa, vindos dos engenhos e olarias, as rimas cantadas sobre a Dona Maria que andava com o vestido sujo, Seu Zé que parecia mais gordo a cada dia ou Seu João que nunca “aparava” corretamente o bigode faziam a alegria das almas cansadas.

A contação de histórias também era realizada por mulheres rimadoras. Aquelas que tinham livros ou cadernetas de poemas em casa, mais conseguiam criar e menos erravam o encontro de sílabas a cada estrofe. Para Antônia, este processo não foi diferente. Inspirava-se nos mais próximos e caçoava daqueles com o humor mais aguçado. No fim repetia: “Meu amigos, me desculpem. Essa é a minha realidade. E não estou pregando peça. Pois só falo a verdade.”

Na roça, as palavras também estavam presentes, assim como as orações. Dessa forma, as horas passavam mais rápido. Dois terços e já eram três da tarde. Mais algumas rimas e era hora do jantar.

“Quando eu tinha força
De tudo eu trabalhava
Eu raspava mandioca
Depois na roda eu seivava

Depois de secar a massa

Na peneira eu peneirava
Para ficar desmanchada
No forno eu forneava

Eu arrancava o feijão
Botava no sol a seicar
Depois batia com um mangual
Para poder debulhar

Cortava a cana na roça
Para o engenho se levava
Fazia tudo em guarapa
No forno o açúcar ficava

No meu tempo passado
Tudo isto aconteceu
Mais hoje eu sinto saudade
Daquilo que se viveu”

Bicho de pé. Companheiro de longa data desta comunidade que, além de andar com os pés descalços, vivia em ambientes pouco iluminados e úmidos, sobretudo nas olarias. O barro que estivesse muito seco, não era uma boa escolha para a confecção de tijolos. Por isso, toda olaria era construída ao lado, ou no mínimo, próxima de rios. Quando este era menos acessível, dava-se um jeito. Às vezes era preciso uma tarde inteira, talvez duas, e mais de um vizinho amigo para abrir um poço ou trazer, como mágica, “água do morro”.

Morro do Gato e Morro do Cipó eram as extremidades do bairro Cova Funda. Toda água utilizada pelos moradores, ou era captada por poços cavados e recavados ao lado de casa - já que havia tentativas falhas de encontrar o tesouro debaixo da terra -, ou era trazida por mangueiras pequeninas dos morros que abrigavam as nascentes. Para as crianças da época, diferente da geração atual, sabia-se de onde vinha água e o quão difícil era conseguí-la. Por isso, aquele que arreventasse uma das mangueiras enquanto brincava, tinha um castigo certo. Isso, quando o meliante era descoberto. Ainda assim, havia inimigos fáceis de identificar

e difíceis de capturar: as cobras. Muitas ficavam presas nas mangueiras e quando a comunidade reunia-se para conseguir desobstruir o encanamento, as bichinhas fugiam. Tomavam seu rumo pelas mangueiras enterradas em solo e dali saiam obrigadas. Mas é fácil compreendê-las. Quem não gostaria de ter água garantida?

Chegou a hora de fazer uma denúncia. Longe desta autora querer apontar o dedo para os erros das antigas gerações, mas é preciso registrar que crianças magras, amarelas e barrigudas - que andavam ou corriam pela comunidade - eram criadas por adultos que, mesmo tendo acesso à água, ainda não compreendiam a necessidade de lavar bem seus alimentos. O bicho de pé, como já citado, era um grande companheiro de vida dos moradores da Cova Funda, mas as “bichas” também. Estas, eram um pouco mais tímidas e não ficavam expostas para os olhos alheios. Na verdade, elas eram bem espertas. Grudam-se em folhas que eram consumidas pelos mais jovens e mais velhos. Depois de bem instaladas em estômagos cheios de farinha e café, multiplicavam-se.

Os vermífugos eram aconselhados por farmacêuticos. Poucos buscavam médicos em postos ou outras unidades de saúde. Os Hospitais “da cidade”, ou seja, de Florianópolis eram considerados a última opção. Eles eram procurados quando os doentes já estavam nas últimas.

Mas os profissionais da farmácia - ou pharmácia à época - eram mais solicitados. Todos tinham seus estabelecimentos ativos no centro da cidade de Palhoça. Então, até que a criança fosse conduzida ao fármaco mais famoso, levava tempo. Por famoso, cita-se àquele que mais doenças conseguiu identificar, ou mais machucados “sarou”. Os remédios não eram tão modernos. Não eram docinhos para as crianças e o expurgo das invasoras, mais importante, eram batalhas vividas em solitude pelo cidadão.

As dores de barriga ficavam mais fortes e todos - parasitas, hospedeiros e galinhas - já sabiam o que fazer. Sim, as penosas tinham uma importante participação nesta guerra. As patentes, casinhas de madeira construídas ao lado das casas, funcionam como banheiros e poderiam ser instaladas longe do chão em terrenos menos nivelados. Neste caso, o conteúdo que ali se descartava era entregue para as galinhas e seus primos - patos, marrecos e gansos - que dividiam a residência. As “bichas” ou “lumbrigas” não eram mortas em batalha. Todas, eram expulsas ainda vivas. Sua morte acontecia muito depois de deixar os humanos, que se aliviaram nas patentes. O fim vinha, de fato, pelas grandes algozes: as galinhas.

Na comunidade, os pés continuavam descalços, e descalços faziam seu papel. Os moradores da comunidade, ainda que servissem de hotéis para vermes, continuavam trabalhando. Antônia, fez parte desta geração e, como todos, teve seus pés calejados e hospedou bichos de pé e as bichas também a visitaram. Mas nenhum deles interrompeu a labuta daqueles que muito precisavam trabalhar. E, vez ou outra, os dias eram animados por festejos e carroças enfeitadas, pequenas alegrias para o povo que eventualmente lembrava-se que podia celebrar.

“Aquele tempo passado
Era tudo diferente
Não tinha ônibus nem carro
Para conduzir agente

As condições que havia
Era carro de cavalo
Conduzia as pessoas
Em casamento e batizado

Agente achava bonito
Já estava acostumado
De ver passar os casamentos
Com o carro enfeitado

Naquele tempo havia
Era carroça e aranha
Quem possuía carro
Era gente muito estranha

Quando morria uma pessoa
O caichão era feito em casa
Para levar no cemitério
Um carro de boi que levava

Um carro de boi com fueiro

Uma esteira em cima botava
Forrava todo de branco
E assim o caichão levava

Nós andava uma hora e meia
Até a Palhoça de pé
Para assistir a santa missa
Com amor e muita fé.

Para andar de pé até a Palhoça
Nós estava acostumado com isto
Para procurar a casa de Deus
Vale qualquer sacrifício.”

Capítulo 04

ZENIR JOVINA SCHEIDT NASCEU EM 1948

- Acorda, filha! Vamos, já está na hora!

Seu Pedro já estava acordado e bem agasalhado, àquela hora da madrugada. Passavam poucos minutos das duas horas da manhã e ele voltava a bater na janela de madeira do quarto da filha Zenir. Bastavam ligeiras três batidas para acordar a criança que ainda não havia completado oito anos. A pequena levantou-se e saiu de casa descalça. Ainda com sono, Zenir foi colocada, como de costume, no cavalinho do pai, que já cerrava os olhos em uma tentativa de enxergar melhor a estrada, tomada pelo breu. Parecia a procura de algo. Nem sempre era fácil encontrar capim seco no escuro.

O pedaço de bambu já fora escolhido, modelado pelo facão e aguardava a palha seca e, se necessário fosse, um pouco de querosene. Tudo pronto, o fogo era aceso e, por falta de uma pomboca - a lamparina da época - o facho de bambu servia muito bem para “alumiar” o caminho até a roça de mandioca. A estrada não era longa, mas a criança chegava a cochilar nos ombros do pai até chegar no terreno que abrigava a plantação e o engenho de farinha. Entre o sonho e a realidade, as piscadas mais longas embalavam a caminhada feita antes do galo cantar.

O facho era eficiente, mas durava pouco. Antes que a dupla começasse o trabalho matinal, era feita uma pequena fogueira. Seu Pedro aproveitava para acender a fonalha que torraria a farinha no final do dia e serviria de chama inicial para os fornos que queimavam os tijolos. Até lá, o aquecedor improvisado servia para não tirar a energia da filha na manhã fria de agosto. A água, trazida do morro por pequenas mangueiras enterradas na terra, era posta para ferver. O café era passado e o pão repartido. Agora sim, o dia começou.

Zenir era a segunda filha mais velha, a única dos seis irmãos a acompanhar o pai nos trabalhos braçais. A primeira a nascer sofria de reumatismo desde muito nova e era incubida dos afazeres domésticos. Já o restante dos irmãos nunca se interessou pelas plantações, nem mesmo pela confecção de tijolos, salvo as necessidades mínimas da família que eram cobradas pelos pais.

Em meses de frio mais rigoroso como este, a pequena Zenir voltava para casa com cortes nas palmas das mãos. Com os anos, seus dedos passaram a colecionar cicatrizes, fruto das geadas que congelavam parte do “ceivador” - equipamento utilizado para ceivar a mandioca - que transformava-se em navalha para os dedos. O instrumento era movido por água corrente e, com a velocidade avançada, não permitia que a criança tivesse poder, ou mesmo controle do equipamento. Um corte hoje, outro amanhã, e as mãozinhas de crianças começaram a ficar cada vez mais grossas, fruto da constante regeneração da pele sensível.

A exaustão conquistada pelo trabalho no engenho não era o suficiente para que Zenir pudesse, enfim, voltar para casa. Depois que a mandioca, a batata doce e o milho eram colhidos, chegava a hora de dedicar o tempo e seus pequenos dedinhos infantis à elaboração de tijolos. Na época, a altura de uma menina de sete anos não era adequada para os trabalhos realizados por ela. Mas tudo é questão de criatividade, mesmo em meio às limitações.

Zenir não se recorda se foi ideia dela ou de seu pai empilhar os quatro tijolos, já prontos, próximo à banca de confecção. Uma vez empilhados, a menina subia e, equilibrando-se como a melhor das malabaristas, prensava o barro nos moldes e desmoldava os bloquinhos de terra vermelha. Estes, eram separados em carreiras de 25 tijolos. Quando completas, as carreiras eram cobertas por tábuas de madeira para que mais carreiras fossem empilhadas em cima. E, um em um, os tijolos eram levados para secar.

Às vezes, os pés descalços e a roupa simples não eram o suficiente, ainda mais em pleno agosto. Nessas horas, Seu Pedro sabia o que fazer.

- Venha, Zenir! Para perto do fogo, filha.

A menina, obediente, juntava-se às chamas da fornalha. Esticava os pés para aquecê-los e aconchegava-se dentro do paletó que o pai fazia de cobertor. Para Zenir, esta era uma das maiores provas de amor do pai, considerado até hoje seu melhor amigo.

As tardes que se seguiam, exigiam da garota a força de uma mulher. A olaria do pai ficava em um dos morros da Cova Funda e, para a confecção dos tijolos, era preciso subir e descer com carrinhos de mão cheios de barro, levando a matéria prima até os equipamentos. Ao meio dia, o pai pescava no riacho próximo da olaria. Junto com farinha e café, o peixe era servido e devorado pela fome de estômagos

vazios e corações cansados. Com o pôr do sol, os parceiros, pai e filha, retornavam para casa.

ME DEVE A ALMA

- Por quê, pai?
- Porque choveu esta noite, minha filha. Hoje, tu não vai para a roça com o pai. Aproveite para descansar.

A criança de sete anos quase não entendeu o que significava a palavra dita. Pronunciada pelo pai com uma naturalidade a qual não lhe era cabida. Descansar? O que uma criança pode fazer em “dias de descanso”? Bem, Zenir deu um jeito de descobrir. Era dia 3 de maio de 1955, e a pequena pôde, enfim, ficar em casa, o que não significava ficar sem afazeres, já que as responsabilidades do lar continuariam necessitando de mais mãos. Mas a calma durou pouco. Escutou-se uma grande gritaria na rua da família Santos, era o vizinho Jorge que corria pela rua clamando socorro. Dona Jovina, mãe de Zenir, recebeu o homem que já parecia sem fôlego.

- O que houve, homem? - perguntou Jovina que olhava para o homem que parecia ter visto um fantasma.
- Foi Seu Pedro - respondeu, apavorado - Uma cobra o picou.

A mulher não contou tempo e saiu em disparada para o engenho com Seu Jorge ao seu encalço. Os tios de Zenir, Seu João e Dona Lena, irmã de Jovina, souberam do ocorrido e também correram para socorrer o compadre.

O ataque da cobra, na verdade, não surpreendeu Zenir. Afinal, era comum encontrá-las entre as frestas no interior das casas, entre os pedaços de lenha utilizados para os fogões e fomalhas, ou mesmo em meio ao capim seco. Elas estavam por tudo, por isso, a comunidade havia desenvolvido um hábito curioso: queimar chifre de boi. A parte interna dos chifres era porosa e facilmente inflamável. A queima dos chifres fazia com que qualquer um, em um raio de dez metros, sentisse um cheiro forte e incômodo. Aparentemente, as cobras eram afugentadas por este odor. Por isso, o que surpreendeu Zenir é que a técnica não havia dado certo. Será que seu pai havia queimado chifres naquela manhã?

Encontraram Seu Pedro em meio a dor e agonia. O pé direito havia sido picado e já inchava feito um pão. Os vizinhos e parentes que já se aglomeravam ao redor do pobre homem decidiram amarrar-lhe uma cinta na coxa para que o veneno

não se espalhasse pelo corpo. A cinta utilizada foi a de Jorge. Ela havia sido comprada há alguns meses em uma visita à Bom Jesus de Iguape, em São Paulo. A fivela de metal era a imagem do padroeiro da cidade. Assim que a perna foi imobilizada, com a ajuda de caminhoneiros que transitavam na região, Seu Pedro foi levado para o hospital da cidade, há cerca de 25 quilômetros do local.

Zenir passou muitos dias sem notícias do pai. Os vizinhos e familiares o visitavam no Hospital onde precisou ficar internado, mas não lhe contavam nada. A surucucu havia pagado por atacar o pai da pequena - foi morta e levada para o centro de saúde. E a mãe, Jovina, vivia largada às lágrimas. Certo dia, Tia Lena chegou de uma das visitas ao pai da menina. Zenir nunca havia visto a tia chorar. Ela sempre teve uma personalidade forte, era severa e não gostava de brincar muito com as crianças. Naquele dia, a tia surpreendeu a sobrinha e suas irmãs.

- Minhas filhas, - disse ela, aos prantos - eu tenho pena de vocês. Vocês estão órfãs. O pai de vocês não volta para casa.

A menina Zenir não entendia muito da morte, ainda era cedo para pensar sobre isso. Mas havia algo que a incomodava. Algo na forma como o mundo funcionava. Um andarilho havia chegado na cidade da Cova Funda há alguns meses. Ele era gaúcho e, para as crianças, parecia um personagem de histórias. Vivia em cima de um coqueiro, onde conversava com os passantes, domava os cavalos chucros da região e tocava gaita. Naquela noite, enquanto o pai de Zenir estava próximo da morte, o gaiteiro tocava uma melodia animada, como se o pai da pequena não estivesse próximo de perder a vida. Ali, Zenir passou a pensar mais sobre o mundo.

Ela e os irmãos passaram a comer menos até não haver mais comida em casa. Dona Jovina, desesperada e confusa, colocava água para ferver no fogão a lenha e dizia para os filhos que a comida logo estaria pronta. Repetia a frase até que eles, vencidos pelo cansaço, dormissem em suas camas. Seu Jorge apareceu um dia e ofereceu uma das vendas do bairro, administrada por ele, para que a família comprasse. Ele marcaria no caderninho tudo o que a família comprasse e, assim como ele propôs, a pequena Zenir poderia trabalhar na olaria dele para pagar as dívidas do mercado.

Se foi sorte ou as orações de Dona Jovina não se sabe, mas Seu Pedro retornou para os braços da família. Talvez até um milagre, pensaram. Parte desta desconfiança vinha da marca do Senhor Bom Jesus de Iguape que teimou em

deixar a perna do pai de Zenir. A força com que tinham prendido o cinto junto da dilatação dos músculos, fez com que a marca da fivela gravasse em carne o incidente. Ele ficou lá por meses. Debilitado e fraco, o homem voltou quase desfigurado de tanto que inchou. O corpo todo estava amarelado e coberto por coágulos de sangue. Zenir lembra de pensar que o pai tinha voltado com a mesma cor da cobra que o picou. Ela passou a sentar na cabeceira da cama dele, enquanto descansava.

- Precisa de algo, pai?

Ele negava com um balançar da cabeça. E ela pensava mais um pouco.

- Um café ou uma água?

Ele voltava a negar.

A falta de apetite não ajudou para que Seu Pedro ficasse mais forte. E as preocupações começaram a aumentar, não só por sua saúde mas pela sobrevivência da família. Poucos dias depois de voltar para casa, ele recebeu uma visita. Ou um ultimato.

Seu Jorge apareceu novamente.

- A conta da venda está grande, Pedro. A Zenir já está bem grandinha e pode trabalhar para mim. - disse ele - Também acredito que a melhor saída para pagar suas dívidas comigo seja me dar parte do seu terreno.

Seu Pedro pensou um pouco e vendo-se encurralado disse:

- Meu filho, o que vou dizer? Se paga as dívidas, então pode ficar com ele. Não tenho mais nada para te dar. Acho que não tenho nem caixão para me enterrar. Eu tenho pena das minhas filhas e da mulher, só não quero ficar devendo para ti.

Zenir, mesmo criança, entendeu que Seu Jorge havia agido de má fé. O pai não poderia responder algo diferente na situação em que se encontrava. Ali, a menina sentiu uma das primeiras emoções mais fortes de sua vida. Raiva. E a guardou!

Não tardou para que outro vizinho, com medo da imprevisível situação médica de Pedro, decidisse incomodar a família. Seu Marino, também dono de uma olaria, bateu palma na frente da casa da família. Zenir correu para atender. O homem declarou que precisava conversar com Pedro. A mãe da menina explicou que o enfermo ainda estava bem debilitado, mas conversaria com ele. Naquele dia, Seu Marino foi até a casa da família para cobrar 1 quilo de linguiça que não havia

sido pago na venda. O valor não pôde ser pago na ocasião, o que revoltou o vendedor, que saiu furioso da casa.

Minutos depois, um dos vizinhos correu para avisar Dona Jovina que Seu Marino estava armado e vinha cobrar o que lhe foi negado. A mulher, desesperada, pediu que os filhos se escondessem e pôs uma foice atrás da porta. Zenir se recusou a deixar a mãe. Quando Seu Marino chegou, já ofegante e de revólver na mão, foi a vez de Pedro decidir o que seria feito. O enfermo levantou-se da cama com a última migalha de forças que lhe restavam. Escorou-se na porta de entrada, ainda amarelo e inchado, abriu a camisa e disse ao invasor:

- Pode matar, Marino. Eu já to morto, então pode me matar - e continuou, sem deixar Marino falar - Quem ta me sustentando é essa menina aqui - ele apontou para Zenir - e minha mulher.

Seu Marino ficou vermelho de raiva, mas não apontou-lhe o revólver. Antes de dar as costas à Pedro, cuspiu no chão e gritou:

- Pode ficar com a linguíça de esmola. - e partiu.

Os dias seguiram e Zenir cresceu. Com o pai ainda debilitado em casa, a pequena passou a observar a mãe sair cedo para trabalhar na mercearia de Seu Marino, para pagar novas dívidas. Ele vendia carne e peixe para os moradores de Palhoça. Dona Jovina passou a governar o peixe, fazer a limpeza de órgãos e separar as partes para, no final do dia, poder levar as tripas dos peixes e o bucho do porco para casa. Os irmãos de Zenir, salvo sua irmã mais velha, ainda eram muito novos para trabalhar fora da roça, por isso, a responsabilidade caiu sobre si.

Enquanto crescia, Zenir passou a trabalhar nas olarias da região para pagar as dívidas que a família adquiria com a compra de alimento nas vendas. Quase todas as famílias que trabalhavam com o ramo oleiro possuíam pequenas vendas ao longo da rua principal da Cova Funda.

Enquanto amadurecia, a menina que já se transformava em adolescente, trabalhou em mais de 10 olarias da região. Trabalhou na olaria do Seu Valdir, casado com a Dona Lalinha, na olaria do Seu Lozo, depois na olaria do Seu Mercido, do Tiza Inês, do Seu Vicente, do Tio João e da Tia Lena, do Seu França, na olaria de seu padrinho, do Tio Olimpio, do Tio João Antônio, do Seu João Teodoro, do Seu Jorge, para pagar as dívidas conquistadas enquanto o pai esteve no hospital, na olaria do Seu Dolfinho, casado com a Dona Antoninha - uma senhora distinta que escrevia versos por aí - e na olaria do Seu Francisco.

Seu Pedro recuperou a saúde aos poucos e voltou a trabalhar na cidade. A saúde dos filhos também foi garantida com melhores condições alimentares já que três membros da família já recebiam por seus trabalhos, mesmo que em pedaços de carne, como no caso de Dona Jovina.

Alguns meses mais tarde, Tia Lena apareceu na soleira da porta de casa da irmã Jovina, para lhe contar a tragédia que haviam lhe contado.

- Lembra do Seu Marino, Jovina? - perguntou Dona Lena.

A mãe de Zenir, que também guardava mágoa do oleiro que lhe cobrara, de revolta e revolver na mão, um quilo de linguiça, confirmou.

- O homem comprou um caminhão e começou a vender laranjas lá para os cantos da serra, acho que em Urubici. Na última viagem, ele caiu de uma ribanceira, irmã. Com o caminhão e as laranjas todas. Está no fundo de uma cama. Não mexe mais do pescoço para baixo. A esposa está grávida estão passando fome.

Naquele dia, Dona Jovina fez uma trouxa de pano pôs dentro um pouco de tudo que tinham em casa - melado, farinha e feijão. Juntou as pontas do pano e, com força e uma singela dose de perdão, fez um belo nó. Os alimentos foram enviados para a casa de Seu Marino sem remetente ou recado de melhoras. Naquela noite, os filhos do homem não passaram fome.

Os anos passaram e a família migrava de venda em venda. Quando as dívidas começavam a ficar muito altas, Zenir era mandada para as olarias, só saía do local quando as dívidas da venda vizinha chegavam ao limite. Aos 10 anos, a menina viu-se produzindo quantidade de tijolos quase igual ao de homens adultos, mas sem ganhar nada por isso. Trabalho infantil não era tema de discussão entre a comunidade, muito menos nas escolas - abandonadas pela menina que não via mais sentido em livros e cadernos quando as enchadas e maquinários garantiam a próxima refeição.

Seu Zé Teodoro, dono de uma das maiores olarias da época, também foi patrão de Zenir quando ela tinha por volta dos 11 anos de idade. Ao meio dia, todos eram liberados para o almoço, menos a menina que esperava o alto senhor contar, um por um, sua carreira de tijolos. É desta forma que os outros funcionários entendiam que a menina não trabalhava por dinheiro, e sim, para pagar dívidas. Quando suas mãos calejadas não estavam sujas de barro, era com cascas de mandioca que elas se cansavam. O engenho da família cresceu e passou a

funcionar a força de touros, e não mais de queda d'água. E as crianças, irmãos e vizinhos encontravam-se entre os turnos das olarias, da roça ou, para aqueles que tinham este privilégio, da sala de aula.

De tempos em tempos, a comunidade passava a esperar a vinda das pioneiras. As mulheres amedrontavam as crianças com suas roupas brancas e agulhas. Elas chegavam em um caminhão baú. As famílias aproveitavam a oportunidade para levar suas crianças doentes, que recebiam doses de penicilina, e seus adultos enfermos. Dentistas acompanhavam as mulheres. Os tratamentos, na verdade, eram muito simples. Caso houvesse dor, ou manchas muito escuras nos dentes, eles eram arrancados. Quase ninguém chegava aos 20 anos com todos os dentes na boca. Na época, a prefeitura de Palhoça oferecia para os moradores viagens de ônibus pagas direto para os centros de saúde da capital. Esta era uma forma de garantir atendimentos médicos e consultas um pouco mais frequentes. Mas havia também quem se negava a ser atendido pelas pioneiras. Muitos eram mais crédulos dos chás e rezas.

PLANTAR E COLHER

Já passava do meio dia e Zenir, aos 13 anos, capinava o terreno da família. Na lateral da casa havia um poço usado para os principais serviços da casa - limpeza e alimentação. Ela limpava o terreno rotineiramente, mas neste dia algo inesperado aconteceu.

Seu Jorge, que continuava no bairro da Cova Funda, passou pela garota que estava sozinha. Ele parou na frente do portão de entrada da residência e gritou:

- Oh sua sem vergonha! Estás varrendo o meu terreno.
- Do poço para cá é nosso sim. - ela respondeu, indignada.

O homem seguiu viagem gritando xingamentos aos quatro ventos. Naquele momento, a raiva que um dia havia sido guardada por Zenir rugiu dentro dela. A garota correu com a foice que usava para capinar na mão. Até hoje não sabe como pulou três cercas de arame farpado. Até hoje não sabe como correu tão rápido. Nem como teve coragem de atacar Seu Jorge. Ele estava próximo da entrada de sua casa. Assustado com o ataque, conseguiu desviar da navalha que foi cravada no portão, a alguns centímetros da cabeça do homem. Ele escapou.

Naquele dia, Seu Jorge foi até a cidade com seu caminhão de entrega. Dirigiu-se à delegacia e deu queixa da menina para o Delegado Gercino, homem gentil que passava as tardes atendendo a comunidade de Palhoça próxima à Igreja Matriz. Na volta para Cova Funda, Jorge encontrou o pai de Zenir que já voltava do trabalho que havia conseguido em um órgão público e, ousado como era, ofereceu-lhe carona. Durante a viagem, veio à tona o motivo de estar voltando do centro tão cedo: havia denunciado Zenir. Seu Pedro virou uma fera.

- Para o caminhão! - gritou Pedro - Para agora esse caminhão!

Dali mesmo, o pai da menina voltou para o centro da cidade a pé. O suor pingava do rosto, mas não parou até chegar à delegacia e esclarecer o que havia acontecido. O delegado já esperava Seu Pedro. Conhecia a família e o temperamento da garota Zenir, conhecida por trabalhar “igual homem” nas olarias da Cova Funda. Seu Gercino não tranquilizou o pai que já passava mal de preocupação e prometeu voltar no dia seguinte. Quando chegou em casa, não aliviou para a segunda mais velha.

- Zenir, o que você fez? Não mente pro pai!

Zenir, que não sabia mentir, vomitou sua raiva e narrou sua tentativa falha de matar Jorge. Seu Pedro, por sua vez, ouviu a pequena calado e pensativo. “Ralhou” com a filha e pediu que não tomasse nenhuma atitude drástica e impulsiva como aquela novamente. Voltou para conversar com o delegado na manhã seguinte e contou a versão da filha para ele. Gercino pensou em mandar prender Jorge, mas Seu Pedro garantiu que essa não era a melhor opção. Gostaria, apenas, que o delegado soubesse as motivações da filha.

- Ela não é uma má pessoa, Delegado! Só quero que o senhor saiba disto.

Zenir não foi presa. Não precisou responder por suas atitudes, nem mesmo conviver com aquele que escapou da sua foice. Na verdade, a garota seguiu seu caminho trilhado no barro, na força dos braços e da alma. Deixou as olarias por alguns anos, mas os tijolos lhe chamaram novamente aos 21 anos de idade. Como promessa feita ao pai, Zenir trabalhou dobrado para conseguir comprar uma casinha no bairro Cova Funda, hoje chamado pelas novas gerações como São Sebastião. Por dez anos sobreviveu e criou os filhos com a renda adquirida no trabalho de oleira. Seu João Teodoro, irmão de José Teodoro - aquele que contava as carreiras

de tijolos feitas por Zenir quando ela tinha 10 anos - empregou a mulher e tornou-se um bom amigo.

Na terceira idade, Dona Zenir sentiu os calos nas mãos cobrarem um novo relacionamento. Desta vez, com caneta, lápis e papel. Os anos longe das salas de aula fez com que a menina não tivesse formação para os diversos serviços que um dia almejou. Mas a obstinação que aprendeu na infância serviu bem para aquela que, aos 60 anos de idade, voltou a estudar. O amor pelas palavras fez dela a aluna mais dedicada. Para todas as aulas, a Dona Zenir tinha uma nova rima. Até hoje, quando sente saudades do passado, ou relembra parte de sua vida, corre para a caneta e o papel. Se perguntarem para ela como se faz um tijolo, ela saberá contar-lhe, como ela bem diz, de trás para frente. Mas se pedirem um poema, este também não tardará a chegar.

“Então eu vou falar
Um pouquinho da minha vida
Quando eu era pequena
Tive uma vida muito sofrida

Eu não pude estudar
Porque não tinha condição
Trabalhava com meus pais
Sustentava meus irmãos

O sonho era tão grande
De voltar a estudar
Me matriculei no EJA
E comecei a rimar

Eu mesma me espantei
De tamanha inteligência
Falando com meus amigos
Estou muito contente
Um dia vou escrever um livro
Pra rimar toda essa gente

O meu tempo era pequeno
Muito tempo eu não tinha
Trabalhava em olaria
Cortava lenha de achinha

Para ganhar o meu dinheiro
Para a minha sobrevivência
Os meus pais sempre me falavam
Que eu tinha inteligência

Eu não estudei de pequena
Porque eu não era gente
Fazia muitas mizuras
E ninguém ficava contente

E o tempo foi passando
Eu falei pra muita gente
Estou rimando os meus versinhos
E por isso estou contente

E voltando para a escola
Isso tudo aconteceu
Agradeço ao pai do céu
Pela oportunidade que me deu”

- Zenir Jovina Scheidt - 2006.

Capítulo 05
ANTÔNIA DOS SANTOS
NASCEU 1923

As pessoas roubavam umas às outras. Talvez esta afirmação dê margem para conclusões precipitadas, por isso, é necessário explicá-la. Esporadicamente, e como em qualquer comunidade, roubo e furto podiam ocorrer. Isso ocorre em todo lugar, inclusive em comunidades onde há grande senso de união Mas, neste caso, não se trata de roubos de bens materiais. Trata-se de roubar pessoas, mais especificamente, mulheres. E estas, que podemos chamar de “roubadas”, na verdade, queriam, com toda a paixão que existia em seus corações, serem levadas por seus amados. Há certa problemática nesta história, mas neste parágrafo o enfoque é o registro histórico.

Antônia não foi roubada. Mas muitas de suas amigas e vizinhas foram. Nas décadas de 30 e 40, anos vividos em juventude por nossa rimadora, o costume de “roubar para casar” era praticado pelos moradores do bairro. De acordo com os relatos, este não acontecia apenas na cidade de Palhoça, muito menos somente na região sul do país.

O plano era muito simples. O casal enamorado fugia de casa sem que ninguém soubesse o paradeiro. Este último detalhe era, por vezes, ignorado, já que as irmãs da garota ou os amigos do rapaz tinham o segredo a eles confiado. Até porque era preciso de mãos amigas para levar comida e roupas, e lábios sinceros para indicar o melhor momento de retornar para casa, o que, normalmente, coincidia com a diminuição da raiva dos pais da menina.

Criados em fé católica e mentes “pudicas” - expressão usada para indicar valores mais rígidos ou próximos do ideal esperado pela igreja -, a comunidade entendia que se a garota dormisse com o rapaz, era necessário arranjar de pronto o casamento pois ela já poderia estar grávida. Antônia, como foi dito, não foi roubada mas também não se preocupou, aos 18 anos de idade, em seguir com exatidão o que esperava-se de meninas jovens, católicas e pudicas.

“O meu namoro começou

Foi no dia de finados

Eu tinha ido rezar pelo meu pai
Que já estava sepultado

Foi namoro de dois anos
Depois logo eu me casei
Eu já estava grávida
Uma filha eu ganhei
...

Da minha filha mais velha
Quando eu estava grávida
Eu era muito inocente
Quasi não sabia nada

Eu não tinha noção do perigo
Veja só como é
Eu subia em uma escada
Para colher o café

Eu subia em uma escada
De três metros de altura
Para colher o café
Com uma saca na cintura

Apanhava-se o café
Botava no sol a secar
Depois chumbava no pilão
Para o caldeirão ir torrar

Tornava a socar no pilão
Para em pó ele ficar
Depois passava na peneira
Para fazer o café e tomar”

Rodolfo chegou para Antônia no dia de finados. O feriado que para tantos tem sabor de luto e saudade, foi colorido por amor. Dois anos, e o casal ganha a primeira filha, Celina. Os próximos dez filhos viriam logo em seguida, e para alimentar tantas bocas era necessário dobrar o trabalho, criar novas fontes de renda e orar para que ninguém ficasse devendo. Às vezes, também era necessário orar para conseguir pagar as dívidas.

O marido de Antônia morava no centro da cidade e adotou a Cova Funda como novo lar. Mudou-se com mala e cuia, além de ideias para ganhar a vida. Por meses, Rodolfo trabalhou em uma olaria na cidade de São José, município vizinho. Quando esta faliu, o sonhador voltou para casa imaginando que o ofício poderia ser abençoado pelo barro que não abandonava os moradores daquele pedacinho de terra. Com a chegada dos novos filhos, os mais velhos foram colocados para trabalhar com ele e a esposa na olaria, assim como alguns funcionários.

Celina casou cedo e Zita, a filha seguinte, tornou-se o braço direito do pai. Tomou as responsabilidades da olaria para si e comandava, junto de outros trabalhadores, os serviços no local. Antônia acompanhava o marido e a filha, mas dividia o tempo com os afazeres domésticos que podiam cansar dez vezes mais. Os outros filhos, sobretudo os meninos mais jovens, também acompanhavam a família na confecção de tijolos. Para não atrapalhar os serviços da casa, os pequenos passavam as tarde brincando de carrinho ou correndo pelas chácaras ao redor do terreno.

Enquanto isso, Roseni e Eracilda, as mulheres mais novas, eram encarregadas de lavar roupa no rio e cuidar dos irmãos mais jovens. Dois braços não davam conta da labuta, por isso, Antônia organizava as atividades. Havia tempo de trabalho, tempo para tijolos, para a casa e para os filhos. Para ganhar um dinheirinho a mais, arranjava-se tempo para a costura e como todos almejavam o paraíso, separava-se o tempo de oração. Vez ou outra, Antônia ficava sem tempo para ela mesma.

“Todos trabalhavam de mais
Fazião todos o esforço
Para endoçar o café
Era com açúcar grosso

Quem tinha menos dinheiro
Ficava todo enrolado
Não podia comprar açúcar
Endossava o café com melado

Mais tudo tinha vitamina
Terra boa era a sorte
Por isso que o povo antigo
Eles têm o coração forte

Nós lavava roupa longe
Em um rio dentro de um pasto
Derrepente dava chuva
Levava a roupa de agua abaixo

Tinha que ter lenha no mato
Para acender o fogo no fogão
Fazer comida e café
Veija que situação

Carregava água de longe
Do engenho do Tio Joã
Cada vez que se trazia
Era dois potes na mão

...

Depois eu resolvi
Fazer um poço perto de casa
Para lavar roupa e fazer comida
àgua dentro dele eu tirava

...

No tempo em que eu me criei
Era uma pobreza sem fim

A cama era de estaca
E o colchão de capim

A pobreza era de mais
Não havia cama nem belicho
Era cama de estaca e bambu
Mais tudo era um capricho .”

Em meio à dinâmica familiar que já encontrava seu equilíbrio, entre as plantações, a olaria e o estudo dos filhos, a vida da família Santos foi interrompida drasticamente. Não era falta de amor, nem excesso de saudade. Não havia tristeza profunda, nem mesmo mágoas de mais. Mas o coração de Seu Rodolfo começou a enfraquecer.

Como bem dito, a procura por grandes centros de saúde ficava limitada ao desespero. Até que a situação se mostrasse fora do controle, os cidadãos tratavam dores no peito ou mesmo o cansaço com os bons e velhos chás. Estes anciãos do mundo moderno, por vezes, eram o suficiente. No caso de Seu Rodolfo, eles não fizeram nem cócegas. A enfermidade do pai dos filhos de Antônia começou a preocupar a mulher que passou a tomar as rédeas da família, antes divididas em igual proporção.

Não foi dado um nome para a doença que o marido teve. Mas havia nome para as dificuldades que a família passou a enfrentar: a fome. Em um prato, Antônia quebrava dois ovos, mexia-os e acrescentava meio copo de água - a mistura funcionava para fazer o alimento render. Depois de frito, os ovos eram picados e junto do pirão d'água feito em um grande alguidar de barro, eram divididos igualmente para oito filhos. Ninguém repetia o prato e alguns contavam as colheradas para garantir que um não comesse mais que o outro. Houve noites em que Antônia prometeu comer depois dos filhos. E como promessas, às vezes, são quebradas, a mãe, sem opções, dormia de barriga vazia.

Enquanto isso, Seu Rodolfo permanecia acamado. Apesar do coração fraco, a responsabilidade para com o nome da família o perturbava. As dívidas contraídas na compra de comida nos armazéns assombraram o homem que tinha medo de morrer.

“Ele esteve um ano inteiro
Sem poder trabalhar
Eu e os filhos maior
Sozinhos sem forsa a lutar

Eu costurava a noite inteira
De dia na olaria trabalhava
Para ganhar mais dinheiro
Porque muito se precisava
...

Lutei com todas as forças
Mais não teve jeito
No fim ele faleceu
Com uma grande dor no peito

Quando eu fiquei viúva
Junto com meus deis filhos
Só tinha uma casada
A maoria era pequenininho

Eu gastava todo o dinheiro
Dos tijolos que eu vendia
Para curar o meu marido
Da doensa que ele sofria

Ele me pediu um favor
Em quanto podia falar
Que eu trabalhace mais os filhos
Para as dívidas eu pagar

Não queria sofrer no outro mundo

Pelas dívidas que não pagou
Não foi porque não quis
Foi a doença que não deichou

Eu trabalhei um mês inteiro
Noite e dia sem parar
Fiquei com semblante de louco
De tanto sono passar
...

Deus do céu me ajudou
E a luta eu ganhei
Valeu todo o sacrifício
Mas as dívidas eu paguei.”

Luto. A mãe de dez filhos, entre eles o caçula com um ano e quatro meses de vida, não teve muito tempo para chorar a morte do marido. O velório foi um dos dias mais tristes de sua vida. Enquanto andavam em procissão até a igreja no centro da cidade, com suas roupas pretas e sapatos engraxados, parte da comunidade ofereceu os braços, enquanto outros, traziam as contas. As dívidas não seriam esquecidas, nem tão pouco ignoradas.

Em um ato de compaixão, os padrinhos e madrinhas das crianças pediram os afilhados para si. Acreditando que Antônia não conseguiria criar os filhos, que não eram poucos, com integridade, os compadres e comadres da costureira, e agora dona de uma olaria, prometiam cuidar das crianças. Se assim fosse, os irmãos seriam separados mas teriam mais chances de comer e estudar. Mas nunca houve outra resposta no coração de Antônia: os filhos não sairiam do seu lado.

Neste mesmo período, o cavalo da família, um dos muitos treinados para servir de tração nas olarias, morreu de fome. O animal, assim como o boi em um sistema de engenho, era preso a uma base central e andava em círculos enquanto o mecanismo amassava o barro que seria posto em formas e queimado nos grandes fornos. Os cálculos tornaram-se cruéis com a família Santos. Sem trabalho não há comida. Sem comida não há energia. E sem energia, por sua vez, não há

trabalho. A roda da vida tornou-se cada vez mais injusta para a mãe de muitos filhos.

O barro que antes era levado para as olarias por carroças movidas a cascos e mãos infantis, já que um dos filhos mais novos - de 9 anos na época - conduzia o veículo, passou a ser feito por carrinhos de mão. Eram mais viagens, mais suor e mais calos nas mãos das crianças. Antônia e Zita, a segunda filha mais velha, tomaram a frente dos trabalhos.

Ainda que o esforço tenha dobrado nos meses que sucederam a morte do pai, as crianças não eram capazes de produzir a quantidade de tijolos que costumavam ser vendidos por mês. Para conseguir o dinheiro de pronto, o valor do tijolo diminuiu e o lucro continuou quase que imaginário, assim como os desejos de Antônia. Sonhava em ter pão na mesa, almejava pagar as dívidas e rezava para que o dia seguinte fosse mais fácil que o presente. Porém, seu sono continuava assombrado pelas más línguas.

A dona de uma das vendas do bairro Cova Funda, local frequentado pela família que já colecionava débitos, passou a espalhar para os vizinhos o quando os Santos deviam. Para a época, tal acusação era suficiente para tornar a família “mal-falada” na região. Foram meses e meses contando e juntando dinheiro que quase não existia. O pouco arrecadado era convertido em farinha e café. Mas a oração de mãe tem força e parece ter sido ouvida pelo padroeiro da cidade, São Sebastião.

Certa tarde, uma visita mudou os dias de Antônia que já não dormia há semanas. O visitante queria comprar-lhe um terreno que, garantia, pertencia a seu falecido marido. O local, de fato, havia sido vendido para Seu Rodolfo em vida, mas como o costume da época - baseado em confiança no aperto de mãos -, o acordo havia sido firmado “de boca”, sem os documentos oficiais de posse. Apesar disso, o comprador foi honesto e ofereceu a Antônia o exato valor que devia na venda e mais alguns mil réis. Naquele dia, Antônia, ao lado da filha, foi até o estabelecimento e fez questão de pagar o que devia na frente dos vizinhos. Contou o dinheiro, cédula por cédula, na mesa do botequim e voltou para casa com o peito estufado e com o peso dos ombros um pouco mais leve.

“Deus me ajudou muito

A mim e a minha família

Com saúde, fé e coragem
Toda noite e todo o dia

Nas olarias dos outros
Eu também trabalhava
Para ganhar mais dinheiro
Os fornos eu desenformava

Eu tinha minhas colegas
Que juntas nós trabalhava
Ajustava os fornos nas olarias
e nós três desenformava

Era eu e a Lúcia
E também a Luzia
Nós três trabalhava
No forno das olarias

...

Na quele tempo passado
De todo o jeito se sofria
As estradas eram ruins
Para chegar os caminhões nas olarias

Só que havia amor
E a vida ia se levando
Com muita dor e sacrifício
Sempre juntos trabalhando

...

Nós trabalhava na olaria
Com a família inteira
E a comadre Noemia
Que era amiga verdadeira

A comadre Noemia e os filhos
Estavam sempre cantando
Alegres e com brincadeiras
Juntos contentes trabalhando.”

Capítulo 06
LAURA DA SILVA
NASCEU EM 1930

O suor descia pelas têmporas e a garganta implorava por um pouco de água. A tarde de Laura não havia sido nada fácil ao lado das outras freiras que, assim como ela, ajoelhavam-se no chão e esfregavam o piso de madeira da Igreja que ficava próxima do centro das Irmãs da Divina Providência, em Florianópolis. A Igreja não era nada pequena e o serviço, considerado um trabalho de fé e dedicação a Deus, exauria as energias de cada uma das noviças que limpavam o local desde cedo.

Neste lugar, ninguém a chamava pelo nome de batismo. Para suas irmãs de fé, ela passou a ser chamada de Onorata, mas Onorata, assim como Laura, estava esgotada e a sede que a consumia parecia gritar por um gole de água. Enquanto esfregava o chão, Laura pensava no que a levou até ali. Criada com em uma casa com muitas crianças, a garota, que vivia o auge de seus 23 anos, não se incomodou em dividir quarto e tarefas com as outras noviças. Na verdade, o senso de união esteve presente desde cedo em sua casa, apesar de, no fundo, a menina nutrir certa carência da figura materna. Por volta dos seus oito anos de idade, Laura e seu irmão mais novo perderam a mãe que, antes de falecer, implorou para a própria irmã que cuidasse de seus filhos. A tia de Laura, na época, estava noiva e desmanchou a promessa de casamento com o amado para tornar-se madrastra dos próprios sobrinhos.

Os anos passaram e Laura ganhou mais irmãos que pareciam receber maior afeto e cuidado da madrastra que os amava, mas não entregava o carinho esperado de uma mãe. Mas a menina, motivada desde cedo pela vida, sustentava uma disposição única. Sua infância foi marcada pela criatividade de uma menina que precisava cultivar laços e encontrar saídas para a pobreza. Na década de 1930, no bairro Cova Funda, nada era de graça, mas aqueles que mostrassem compromisso com a comunidade ganhavam seu lugar no coração dos moradores. Garantir o alimento diário podia ser um desafio para a criança que dividia a mesa com muitos. Na escola, a professora era responsável por entregar à pequena o lanche da manhã. Laura agradecia ajudando a docente na correção de atividades e elaboração de tarefas para seus colegas de classe.

Anos mais tarde, o senso de sobrevivência de Laura continuava sendo competentemente alimentado. Como uma sementinha que é nutrida pelas riquezas do esterco, regada pela água da chuva e sustentada pelo cuidado dos homens, a determinação da menina era testada pelas etapas da vida. Um exemplo foi em sua primeira comunhão, momento em que toda garota sonha com seu vestido branco. A família não tinha condições de lhe comprar, ou mesmo alugar, o tão sonhado vestido. E sem a roupa adequada não haveria como garantir à pequena o segundo sacramento, defendido e exigido pela Igreja Católica. Mas, Laura, em sua força de vontade encontrou um caminho por meio do café. A menina acordava cedo e no cafezal próximo de sua casa, dedicava-se a recolher as “baguinhas” de café. Os cafeeiros eram muito comuns no bairro palhocense, assim como as plantações de milho e aipim.

Os grãos eram laboriosamente colhidos e, com paciência, postos para secar. Após a secagem, Laura, sozinha, os selecionava com a peneira, amassava no pilão e os torrava para serem vendidos. Com o pequeno comércio do pó que acordava corpos cansados e almas esperançosas todas as manhãs no bairro da terra vermelha, Laura conseguiu dinheiro suficiente para seu tão almejado vestido. A comunhão foi mais que uma conquista para a menina que já aprendia o valor do trabalho e da confiança em si mesma.

Os próximos sacramentos também foram realizados e sua proximidade com a igreja e vontade de engajar-se no trabalho social levaram Laura, ou agora Onorata, para aquela Igreja com bancos e piso feito de tábuas largas de madeira. Seu desenvolvimento, não apenas como mulher, mas como parte daquela comunidade a levou para aquele dia quente de verão, junto das outras noviças, que dedicavam-se à limpeza do lar de Cristo. E em meio ao cansaço, a garota agora parava o que estava fazendo para admirar a fonte de água fresca que permanecia, bela e convidativa, na lateral da capela. Um bom gole daquela água já seria o suficiente para renovar suas energias, mas acima da fonte uma frase, que representava bem os ideais católicos de salvação através de sacrifícios, impedia que Laura matasse sua sede. Em uma plaquinha ao lado do coração de Jesus destacavam-se as palavras: “Se você está com sede, não tome água e tire um espinho do coração de Jesus.”

A cada nova polida no chão de madeira, mais a sede gritava na garganta. Mas, uma coisa que esta autora ainda não deixou claro para você leitor, é que Laura

também tinha personalidade forte e, por vezes, ia contra a instituição para a qual dedicava-se. O que meses mais tarde faria com que ela deixasse o convento para trás. Mas naquela tarde, seu ato revolucionário, na verdade, foi simples. Aproximou-se da fonte, acalentou o corpo e o espírito com bons goles de água e, antes de partir, tirou um dos espinhos que ficavam no coração de Jesus. O sacrifício ela já tinha feito, pensava. Limpou a igreja com total dedicação. Merecia, por fim, seu copo d'água.

Por quatro anos, Onorata viveu os votos de noviça, por discordar de alguns preceitos e atitudes da instituição que servia, resolveu deixar o convento e dedicar-se, como Laura, a outras formas de ajuda. Ela encontrou propósito nos hospitais de Florianópolis e São José, cidade vizinha de Palhoça.

Por volta de 1950, havia no bairro Colônia Santana um leprosário. Lá, eram recebidos pacientes que possuíam sintomas relacionados à doença e outros enfermos que necessitavam de cuidados especiais. O local servia como uma opção para reclusão ou isolamento de pacientes que estavam contaminados por doenças transmissíveis ou não tinham familiares vivos ou próximos para lhe dedicarem cuidado. Nesta espécie de hospital, Laura aprendeu cuidados básicos e especializados, além de desenvolver sua disposição para ajudar o próximo. Sem cursos ou instruções prévias, os conhecimentos foram adquiridos na prática durante os anos que a palhocense atuou como enfermeira.

No bairro Cova Funda, suas capacidades eram valorizadas pela população que a procurava quando os filhos adoeciam, idosos enfraqueciam ou para uma das práticas mais requisitadas pela comunidade: o serviço de parteira. Diversas mulheres entregavam toda sua confiança nas mãos de Laura que trouxe, por anos, muitas crianças ao mundo. Apesar de ter deixado o convento, a mulher era uma pessoa considerada espiritualizada pelos vizinhos e moradores do bairro e sua calma, positividade e palavras de conforto eram como bálsamos para gestantes que precisavam encarar a dor e o medo durante o trabalho de parto. Lalinha, como a apelidaram, era chamada a qualquer hora do dia ou da noite, o que podia exigir certa disposição de sua parte. Mas se havia possibilidade de ajuda, ela estaria lá.

Esse jeito cuidadoso e altruísta chamou a atenção de um conhecido da família de Laura, o Valdir. Filho de um dos mais de 50 proprietários de olarias do bairro, Seu José Teodoro, o rapaz interessou-se pela mulher que muito trabalhava e pouco namorava. O relacionamento não demorou para engatar e, como esperado

pelos costumes e hábitos da época, Valdir não demorou para “roubar” Laura. Com três meses de namoro, os dois fugiram para casar e, jovens, encontraram abrigo em uma pequena casa de madeira nos fundos do terreno de uma olaria. A residência, se é que poucos metros quadrados, sem nenhuma divisão, poderiam ser chamados de residência, foi o primeiro passo de uma família que seria grande - não só em número, mas em carinho. Os descendentes foram chegando depressa e no primeiro ano de matrimônio, o casal já tinha dois filhos. Estes dois tornaram-se três, quatro e, por fim, o casal encheu a casa com sete herdeiros. A herança seria a determinação e o bom coração da mãe e a honestidade do pai.

Engana-se quem pensa que os projetos sociais e o engajamento com a comunidade diminuiriam com o nascimento dos filhos. Laura continuou criativa e compromissada com a sociedade que ajudava a desenvolver. A bondade da moradora da Cova Funda foi evidenciada a cada ano. E, claro, os filhos foram convidados a participar desta comunhão de esperança no interior desta pequena cidade onde os habitantes lutavam, dia a dia, pelo pão na mesa e pagamento de dívidas no fim do mês. Foi por meio dos exemplos da mãe que os pequenos puderam crescer envolvidos com aqueles que dividiam o espaço, a terra e o lar.

A CASA DA MÃE LAURA

Naquela noite, Laura voltou para casa exausta. O corpo havia esgotado as forças e a mente estava entregue à fadiga. Este deveria ter sido um dos partos mais difíceis realizados por suas mãos pacientes. O bebê, diferente dos outros, decidiu que viria ao mundo antes de estar devidamente encaixado. Por isso, foi uma surpresa para a parteira quando os pezinhos foram os primeiros a aparecer. A inesperada situação exigiu que Lalinha convocasse toda a experiência adquirida durante sua atuação como enfermeira em hospitais da cidade e lembrasse do que poderia ser feito para tentar salvar a vida de mamãe e bebê.

A gestante era uma mulher em idade avançada e aquele seria seu décimo filho. Não era novidade para ela a dinâmica esperada de um parto, por isso, não foi complicado perceber que algo estava errado. Neste momento, não havia outra opção senão entregar o futuro nas mãos de Deus e da parteira. Laura precisou encontrar os pés e mãos da criança e, aos poucos, tentar virá-la. O procedimento durou horas. No fim, foi recompensada com o nascimento de uma menina saudável,

forte e “parruda”, com mais de quatro quilos, e uma mãe cansada, mas grata pelo trabalho da vizinha.

A gratidão da família estendia-se aos vizinhos, amigos e familiares que encontravam nos presentes, formas de agradecer pelo apoio prestado por Lalinha. Era comum que de vez em quando, a palhocense ganhasse galinhas, ovos, toucinho, toalhas e tudo o que pudesse servir como um ato de reconhecimento. Outra forma de mostrar a admiração pela parteira era revelado em convites para ser madrinha da criança. Laura era comadre de muitas mulheres e dinda de outras tantas crianças. Depois que era requisitada para a posição que representava cuidado e dedicação total, eram planejados almoços para que as famílias pudessem comemorar. Assim, os filhos de Laura viviam na casa dos parentes emprestados durante os finais de semana. Sempre havia um bebê novo para conhecer.

Laura, por sua vez, não tinha parteira que lhe auxiliasse durante o parto e, apesar de sua autossuficiência e bravura, nem ela poderia dar à luz sem auxílio de outras mãos. A ajuda era procurada no convento da cidade de Palhoça, e as freiras, velhas conhecidas, foram responsáveis por trazer ao mundo os filhos de Laura e Valdir. O marido acredita até hoje que havia certo ressentimento por Laura ter deixado o provinciano, por isso, os partos nunca foram muito fáceis, o que ele acredita ser consequência da falta de disposição das irmãs com aquela que deixou o hábito. Ainda assim, Laura sempre foi grata às mulheres que dividiram a vida, mesmo que por certo tempo, com ela.

E com sete filhos para alimentar, cuidar e educar, a família dos Silva sobrevivia com a fabricação de tijolos. No início, Valdir trabalhou em uma das olarias de Seu João e Dona Lena, velhos conhecidos. O casal arrendava parte do espaço voltado para a confecção em que trabalhavam. Os senhores foram os primeiros a oferecer serviço e um teto sobre as cabeças assim que Laura e Valdir uniram-se em matrimônio. A primeira casinha dos recém casados, pequena que só, foi cedida pelo casal que também lutava para que o negócio da própria família vingasse.

Sendo assim, Laura passou a trabalhar junto com o marido nas olarias e, posteriormente, levou os filhos que tomavam seus lugares junto aos amassadores e fornos para, juntos, fazer o que o bairro da Cova Funda fazia de melhor: tijolos. Com os anos e a expansão da família, a pequena casinha foi trocada por lares cada vez maiores. O trabalho, por sua vez, deu tão certo que Valdir teve a oportunidade de

abrir uma olaria só dele. Mas com a nova oportunidade surgiram, também, grandes responsabilidades. E o casal juntava-se em obstinação para conquistar o dinheiro que nem sempre era adquirido apenas com o trabalho nas covas de barro.

Laura acordava às 3 horas da manhã. Todos os dias, a mulher desmanchava sacas com cerca de 50 quilos de farinha em pãezinhos. Não havia padaria no bairro e, cada morador, aprendia a fazer pães em casa, quando era possível. Lalinha era uma cozinheira de mão cheia e o cheirinho das massas acordava os moradores do bairro de segunda à sexta. A venda deles serviam como dinheiro extra para a família que nem sempre conseguia pagar suas dívidas. Esses débitos, que não eram exclusivos da família de Laura, normalmente, estavam relacionados às vendas e armazéns da região que costumavam vender farinha, açúcar, feijão e outros mantimentos. Parte deles era vendido à granel. E criativa como era, Laura não poderia cozinhar apenas o esperado, por isso era comum que a mulher ousasse nas receitas e acrescentasse uma calda de coco aqui, uma farofa açucarada acolá.

Para os filhos, a dedicação fora e dentro de casa significava nunca estarem sozinhos. Sempre havia alguém diferente morando na casa da família Silva. Se não fossem funcionários contratados por Seu Valdir para trabalhar nas olarias, eram mulheres empregadas por Dona Lalinha para ajudar com os pães, bolos e tortas. Sem a tecnologia encontrada em fogões elétricos, batedeiras e outros equipamentos utilizados atualmente nas cozinhas da maioria dos lares, tudo o que a mulher preparava era pela força dos pulsos e pelo calor dos fornos à lenha. Já era de se imaginar que os padres da época escolhessem visitar regularmente a casa deles.

Esse era um costume adotado pela Igreja Católica e em determinados períodos do ano, os padres da paróquia da cidade visitavam os fiéis. Durante as visitas eram oferecidos leitões e boa comida. Quando era a vez da família Silva receber os religiosos, as crianças vibravam de emoção. Logo após as refeições que eram, primeiramente, destinadas aos adultos, os pequenos eram liberados para se empanturrar com a diversidade de pratos, ainda que modestos, preparados por Dona Lalinha.

No dia a dia, os filhos da cozinheira estavam acostumados a ter acesso apenas aos pãezinhos e massas que passaram um pouco do tempo nos fornos. Os mais apresentáveis eram vendidos, aqueles que tinham algum “defeito” ficavam para os parentes. Jaqueline, uma das filhas de Dona Lalinha, conta que até hoje

escolhe sempre os pãezinhos mais queimados ou os que menos encantam os olhos. Estes, são a memória viva da mãe e deste período da infância.

E por falar em crianças, os pequenos davam certo trabalho para os pais. Os sete eram criados livres e andavam pela comunidade com certa liberdade. Inventaram suas brincadeiras e entre os trabalhos realizados na olarias, garantiam a educação nas salas de aula. Durante a noite, os tijolos exigiam tempo e devoção dos funcionários, pais e filhos. Quando os os moldes eram desinformados e postos para queimar nos fornos, era necessário que olhos vigilantes acompanhassem a queima da lenha para que o fogo não diminuísse, ou pior, cessasse. Cada um ficava por duas ou três horas até que os tijolos queimassem por 24 horas completas. Cada fornalha preparava cerca de 15 mil tijolos.

TINHA QUE SER A LALINHA

Como qualquer lar, as obrigações eram devidamente separadas, e a mãe buscava ocupar os pequenos para que não houvesse confusão. Lalinha entendia a dificuldade de criar pequenos cidadãos para o mundo, por isso, importava-se com as questões sociais e não repreendia-se pelas confusões que só crianças conseguem criar na mente dos adultos. Em dias em que ela precisava ir ao médico ou mesmo resolver questões em Florianópolis, ela escolhia uns três ou quatro filhos para acompanhá-la. Para subir no ônibus já era aquela agitação. Os pequenos adoravam as viagens de ônibus e fazer com que sossegassem as bundas nos assentos, necessitava de uma paciência única. Para completar a cena, a gargalhada estava feita quando Lalinha percebia que havia trocado os sapatos das crianças ou mesmo esquecido de pôr as meias em algumas delas. E se caso os outros passageiros se incomodassem com a agitação que ela e sua família levavam para onde iam, ela sempre estava pronta para uma piada ou um comentário sarcástico e muitos repetiam: “Tinha que ser a Lalinha.”

Os filhos mais velhos de Lalinha tinham maiores responsabilidades na olaria, enquanto os mais novos permaneciam em casa ou brincavam pelo bairro. Quando bebês, ela costumava deixá-los dormindo em uma cestinha embaixo da mesa onde estivesse costurando ou cozinhando, e como a casa ficava perto de rios, Lalinha fazia questão de, de vez em quando, queimar chifre de boi. A intenção era afugentar qualquer cobra ou serpente que pudesse rastejar perto dos seus filhos.

Um deles, o segundo mais velho, João Batista, exigiu certos cuidados. Hoje, com avanço da medicina e maior acesso à informação, os irmãos entendem que o mais velho dos filhos homens tinha sintomas relacionados ao autismo. Nunca houve um diagnóstico, mas as habilidades sociais e de linguagem não pareciam ser bem desenvolvidas enquanto as capacidades artísticas do menino, por exemplo, eram de impressionar.

Durante as tardes de trabalho na olaria, João passou a se dedicar a esculturas de barro que, aos poucos, começaram a impressionar a família. Por outro lado, as tarefas em grupo não eram bem realizadas, o que gerava certas discussões e cobranças dos pais. Mas a família unia-se e, no fim das contas, todos voltavam bem para o lar no fim do dia.

Anos mais tarde, com o avanço das olarias e o aumento de possibilidades de venda em outras cidades, Laura, que tinha a mente à frente do seu tempo, aconselhou o marido a comprar um caminhão para levar os tijolos até as lojas de materiais de construção. Mas como o dinheiro era pouco, não foi de se impressionar que Seu Valdir comprasse um caminhão já velho e, neste caso, a experiência não é garantia de sucesso. As viagens eram feitas pelo casal e Lalinha era incumbida de uma função importantíssima: levar um balaio nas mãos e usá-lo para guardar as peças do veículos que soltavam-se pelo caminho. Meses mais tarde, o vendedor do transporte voltou a fazer contato com a família para vender um caminhão, desta vez, segundo ele, mais novo.

Durante a venda, Lalinha se mostrou ativa nas negociações, o que gerou certo incômodo do vendedor.

- Quem é que manda aqui? É o senhor, Seu Valdir, ou a sua esposa? - perguntou.

Ofendida pelo questionamento, Laura não deixou barato.

- Aqui, nós dois mandamos. Eu trabalho tanto quanto ele para pôr o pão na mesa, então o negócio é feito com os dois, ou com ninguém.

A resposta de Lalinha bastou. O veículo foi vendido por um preço maior do que poderiam arcar, mas a mulher não desanimou. Seu Valdir e os filhos costumam dizer que aquele caminhão foi pago com cocadas. Isso porque a força de vontade de Lalinha sempre teve o belo hábito de fomentar sua criatividade. Ela comprava sacos grandes de coco, picava e ralava todos eles e, cocadas prontas, eram vendidas para a comunidade que, acostumada com o pirão d'água e peixe de todos

os dias, ou mesmo o café com aipim, deslumbrava-se com as novidades que eram vendidas por Lalinha.

CORAÇÃO DO POVO

Sempre envolvida com as necessidades do povo, Dona Lalinha decidiu que estava na hora de construir uma Igreja maior no bairro. A capela frequentada pelos moradores, parecia pequena para a população que só crescia. Depois de mobilizar seus amigos, vizinhos e parentes, o novo espaço religioso começou a ser construído. Na época, os homens se reuniam com seus carros de bois e grandes balaies de bambu em pedreiras e com morretes quebravam as pedras com as forças dos braços. Estas seriam transformadas em brita para a construção da igreja. E como em meio a labuta, é necessários esporádicos sorrisos, ou até gargalhadas, Lalinha foi responsável por uma grande alegria do bairro que não tinha muito acesso a apresentações culturais.

A estrutura recente e inacabada da igreja serviu por alguns meses como palco para a imaginação da mulher que juntava os filhos e outras crianças do bairro para realizar apresentações gratuitas. Ensaivavam-se peças de teatro por semanas e aos sábados e domingos eram apresentados à comunidade que se divertia como ninguém. As apresentações deram tão certo durante um período que Seu Valdir resolveu colocar todos no caminhão e apresentar as peças de teatro em São Pedro de Alcântara, na serra catarinense. Laura aproveitava para soltar a voz que também era famosa na região. Desde a época em que atuou no convento, as canções interpretadas por ela encantaram gerações. E, por isso, seu dom era requisitado em várias épocas do ano.

A mais esperada talvez fosse Terno de Reis. Passado natal e ano novo, os palhocenses preparavam suas casas e almas para receber a visita dos reis magos. Por volta do dia 5 de janeiro, os moradores do bairro Cova Funda, apesar de madrugarem com os galinhas, esperavam acordados a procissão de músicos e cantores que visitavam casa por casa.

Seu Pedro, pai de Dona Zenir, era o capelão. Ele esperava pacientemente que a data chegasse para que conhecimentos como percussionista fossem explorados. juntavam-se ao grupo um senhor que tinha tambores, outro que tocava

violão, e para completar um belíssimo acordeonista. Dona Lalinha tornava o momento ainda mais especial com suas aptidões vocais.

As casas, uma por uma, acendiam suas velas que eram deixadas nas janelas para que o Terno de Reis não esquecesse de passar por ali. Conhecendo o nome dos donos da casa, eram feitas rimas improvisadas para cada família desejando bênçãos e alegrias para os moradores da casa. Dona Lalinha era boa de rimas, assim como Seu Pedro, o Capelão. No fim das celebrações, o povo voltava, feliz e grato, para suas camas esperando o início do novo ano.

Anos mais tarde, outra iniciativa mudou a cidade de Palhoça: a criação do lar de idosos da cidade. A iniciativa foi de Laura que deu um jeito de convocar uma reunião com políticos, empresários, comerciantes e pessoas de influência na região para conseguir apoio. O suporte da Igreja já estava garantido e o terreno foi doado por ela para fins filantrópicos. Até hoje, o lar batizado pela criadora do Asilo Santa Maria dos Anjos, no bairro Caminho Novo, é chamado de "Asilo da Lalinha", nome adotado pelo povo. Não há quem não conheça o centro que continua, depois de anos, ativo e recebendo pessoas na terceira idade que precisem de cuidados especiais.

Sua inauguração foi marcada por um dos dias mais difíceis da vida desta mulher que trabalhou a vida inteira pelo outro. Durante a festa de comemoração da abertura do asilo, uma notícia difícil abalou o coração da idosa, no auge de seus 70 anos: a morte do filho mais velho. João, que apresentava certas dificuldades intelectuais durante a infância, teve seu quadro agravado para o que foi diagnosticado como esquizofrenia. A doença o enfraqueceu, descumprindo a ordem natural do mundo, o filho partiu antes da mãe. Naquela semana, ela construiu a gruta dedicada à Nossa Senhora, que fica no centro do terreno destinado ao asilo. Ela, sozinha, colocou pedrinha por pedrinha das centenas que compõem o altar. Cada pedra carregava as lágrimas de uma mãe que se culpava por ter se dedicado mais aos outros que ao próprio filho.

Pouco tempo depois Lalinha também adoeceu e precisou fazer uma cirurgia de emergência. Na noite anterior ao procedimento médico, ela teve o sonho mais real de sua vida. Nele, Jesus, em seu manto claro, vinha até ela com o filho, João, nos braços. Sem entender, Lalinha perguntava o que o Senhor queria dela. Sem dizer nada, ele entregou o filho nos braços da mãe e Laura entendeu que esta era

uma nova chance de cuidar do filho. Mas no sonho, emocionada, Laura voltou-se para Jesus e disse:

- Senhor, eu acho que não saberia fazer diferente porque essa sou eu. Acredito que faria tudo de novo.

Jesus sorriu.

Ali, Laura da Silva, mãe de muitas crianças, madrinha de tantas outras, filha para tantos idosos solitários, esposa e parteira, enfermeira e ex-noviça, cantora, cidadã e amiga, a conhecida e amada Dona Lalinha, perdoou-se. A idosa entendeu que foi movida, durante toda sua vida, por convicções de partilha e comunhão, e foi por meio desses anseios que ela plantou bondade, amor e caridade. Naquela noite, enquanto seus 6 filhos esperavam pacientemente que ela retornasse da cirurgia, ela, aos 77 anos, partiu para junto do filho.

Na comunidade de Palhoça, a perda de uma das personalidades mais influentes da cidade, 2007, comoveu o povo que acreditava que Dona Lalinha possuía uma alma eterna. Os trabalhos de apoio e acolhimento realizados no asilo continuam até hoje, assim como projetos que amparam parte da comunidade vulnerável do município, coordenados por uma das filhas da palhocense, Jaqueline, que é fonte de altruísmo, assim como a mãe. Ela abriu sua casa e coração para entregar, como um presente, todas as experiências e histórias - contadas e vividas - por sua mãe.

Para aqueles que não tiveram a chance de conviver e aprender com esta mulher, talvez sua história possa, ao menos, inspirar ações de compaixão. Que este relato possa instigar a criatividade daqueles que procuram na vida um motivo para sorrir, criar e existir. Que Dona Lalinha continue instigando as novas gerações a deixarem parte de seu individualismo de lado e que o senso de comunidade grite aos quatro ventos, ainda mais em um mundo em que os olhos costumam estar fechados para o próximo. Que Dona Lalinha possa, lá de cima, continuar orgulhando-se do mundo que ela ajudou a colorir.

Capítulo 07
ANTÔNIA DOS SANTOS
NASCEU 1923

Coração acalentado, Antônia ou Antoninha, como é chamada pela comunidade do bairro Cova Funda até hoje, a costureira de palavras pôde continuar sua caminhada ao lado dos filhos. Ela, assim como muitas mulheres, se multiplicou e fez milagre do pouco que tinha, mas garantiu o prato na mesa e o carinho no fim do dia. A olaria seguiu eficiente mas foi, aos poucos, sendo desativada com o casamento de filhos e filhas que, mesmo sem terem avançado nos estudos - pelo menos três deles nunca pisaram em uma sala de aula - conquistaram seu espaço no mundo.

Os anos presentearam Antoninha com filhos, netos, bisnetos e tataranetos. A mulher, já na terceira idade, comandou o grupo de idosos do bairro e pôde, por anos, viajar, conhecer estados, cidades e pessoas. Algo inalcançável para seus desejos de menina. Muitas garotas e garotos passaram por suas mãos gentis e ensino rigoroso na educação religiosa. A catequista enxergou em sua atuação dentro da igreja uma forma de agradecer aos céus suas vitórias que, em todos os seus versos, dos mais simples, rabiscados no canto dos cadernos, aos mais rebuscados, escritos em letra cursiva, nunca deixaram de citar e agradecer a Deus. Este, que foi um grande companheiro de vida, de luta e de sucesso da mulher que nunca mais se casou.

Aos 80 anos de idade, as rugas de Antônia carregavam sua história e a tornavam ainda mais bela. Em 2003 ela foi nomeada Rainha de São Sebastião, bairro que lhe deu a vida, que sujou seus pés, lhe permitiu a criação de um lar e continuou a acolher em idade avançada. A família de onze tornou-se a família de muitos e as festas para comemoração de aniversários, casamentos e batizados quase que reuniam toda a comunidade. Antoninha foi adorada até seus últimos dias, em 2013, aos 90 anos de idade. Em sua festa de aniversário foi vestida como a rainha que é e recebeu abraços calorosos da fila interminável de parentes. Alguns deles, aprendendo a andar.

Meses depois, ela se foi. O velório, e não podia ser diferente, foi realizado em casa. A mesma casa que dividia com o filho e a nora, construída no mesmo local onde sua olaria funcionou por anos, entregando-lhe o pão de cada dia.

Ainda hoje seu nome é celebrado, seus poemas são lidos em voz alta para netos e bisnetos, suas amigas recontam histórias da mocidade e bisnetas até decidem contar sua história para o mundo. Através de suas palavras, Antoninha tornou-se eterna, e eterna ela será enquanto continuarem a repetir seu nome.

Deus me ajudou muito
Ouvindo minhas orações
Ajudou-me a carregar a cruz
Em todas as ocasiões

...

Hoje eu já não rezo tanto
O que rezei na minha vida
Não sei se é a idade
Já que estou um pouco esquecida

...

Vou parando por aqui
Já estou falando demais
Se contar toda a minha história
Eu não paro nunca mais

Esta é a minha história
Tudo verdade o que escrevi
Com todo o trabalho e sofrimento
Agradeço a Deus por estar aqui.

Fim.

- Antônia dos Santos, 2003.

Capítulo 08
ZITA ANTÔNIA DE MATOS
NASCEU EM 1944

Ele ainda respirava.

Os pés de Zita continuavam molhados naquela tarde chuvosa. O guarda-chuva que ela segurava não era o suficiente para protegê-la e alguns pingos já lhe molhavam a cabeça, os ombros e as mãos. Ela deveria aguentar mais alguns minutos, pois ele ainda respirava. Delamar, seu irmão mais novo, já estava cansado de bancar o vigia. Já era impressionante que ele tivesse permanecido embaixo do mesmo guarda-chuva por tanto tempo. Agora, era sua vez de persistir.

A menina olhava atentamente o céu, cerrava os olhos e procurava o inimigo. Seus oponentes eram traiçoeiros, observavam de longe em galhos de árvores mais altas, e esperavam que ela fraquejasse, se distraísse ou fosse embora. Ela não iria, pois ele ainda respirava. De vez em quando ela parava de piscar, segurava a respiração e observava atentamente até que as costelas marcadas por pouca carne voltassem a se mexer para cima e para baixo. Haveria esperança?

Aquele não seria o primeiro e Zita temia que também não fosse o último a partir. Às vezes, ela também dormia de barriga vazia e, por isso, compreendia a tristeza do pobre cavalo que não se levantava desde aquela manhã. Talvez ele precisasse apenas descansar mais um pouco, mesmo que sob tanta chuva. Os urubus se aproximavam esquivos e alguns beliscavam a pele do pobre animal que já não tinha forças para se defender. Zita, com o guarda-chuva em uma das mãos e coragem na outra, corria para próximo do animal e espantava as aves carniceiras. Elas voavam, mas não para muito longe. A menina ficaria. Pois ele ainda respirava.

Não havia mais capim, milho ou ração. Zita desconfiava que, mesmo se lhe entregasse um balaio da melhor cana-de-açúcar, o animal já não teria mais energia para reagir. As investidas dos urubus contavam com respostas cada vez mais lentas e a força da menina parecia sumir junto da vida do cavalo. Os urubus multiplicaram-se, e passaram a machucar o animal. Depois de horas tentando salvá-lo, Zita observou mais um de sua família ser destruído pela miséria. O observou respirando enquanto a carne era comida aos poucos por aves que não tinham paciência para esperá-lo partir em paz. No dia seguinte, com o fim da chuva,

Zita e os irmãos cavaram mais uma cova, das muitas feitas pela família Santos, para enterrar o que havia sobrado daquele que trabalhava tanto quanto o resto da família. Mais uma cova era aberta naquele dia e, desta vez, não saíram tijolos dali.

Sem cavalo, não havia transporte que carregasse o barro para a olaria. Sem cascos para subir os morros ou força para mover as engrenagens do amassador, mais trabalho seria dividido entre as crianças que passaram a fazer o transporte das cargas com carrinhos de mão. Eram dez ao todo, além dos pais de Zita. Todos dividiam funções e a menina, como a segunda mais velha, tinha suas responsabilidades. A primogênita, Celina, já estava quase casada. Já Roseni, pouco mais nova que Zita, esta, ajudava com as funções do lar. Cozinava, limpava a casa e doava seu tempo no cuidado e educação dos irmãos. Eracilda, a menorzinha, acompanhava Zita nos trabalhos braçais quando podia.

Apesar de nova, a mesma menina que persistiu horas na chuva cuidando de um cavalo moribundo comandava, diariamente, a confecção de tijolos junto com o pai, conhecido como Dolfinho. Fazer tijolos não era simples e exigia manejo, técnica e força. As memórias que guardam seus primeiros dias de trabalho se confundiram com o tempo, mas sabe-se que Zita começou a ajudar o pai quando suas duas mãozinhas conseguiam carregar apenas um tijolo. De um lado para o outro, a criança levava os tijolos desinformados para as grades que os manteriam durante o período de secagem.

Anos mais tarde e a garota, agora, conhecia o processo de preparação da terra, montagem das formas, produção, secagem e queima dos pequenos tijolinhos que eram vendidos para longe. Os carros de boi levavam a produção para outras cidades como São José e Florianópolis. A criança observava os caminhões que entravam no bairro para carregar e descarregar suas caçambas. Quando partiam, levantavam a poeira da estrada que era levada pelo vento para dentro de casas de madeira e terra batida. Por muitos anos, não houve sequer uma casa feita de tijolos no bairro que era um dos maiores produtores de tijolos da época.

Zita aprendeu a ler e escrever, um grande privilégio para a época. A lógica de sobrevivência da comunidade do bairro Cova Funda, em Palhoça, era um tanto cruel. Parece inconcebível afirmar que a maioria das crianças do local aprendiam a plantar e colher aipim muito antes de escreverem seus próprios nomes em papel, mas esta era a realidade. A garantia de uma vida confortável era vista nos calos dos dedos e não em páginas de livros, por isso, pais analfabetos não faziam questão

que os seus fossem diferentes. Mas Zita aprendeu e, dominando a palavra, pôde ser mais dona de si.

Seus conhecimentos foram adquiridos nas salas de aula do colégio da cidade que garantia educação básica até a terceira série. Além da escrita, as continhas básicas foram descobertas pela menina que criou o hábito de contar. Os números tornaram-se companheiros e, se lhe perguntassem, saberia dizer quantos degraus havia na igreja matriz, quantos pés de milho haviam sido plantados no último cultivo, quantas ave marias teria rezado na tarde daquela quarta-feira, quantos ovos havia recolhido das galinhas pela manhã, quantos caminhões passaram pela estrada de terra que cortava a propriedade da família, quantos mil tijolos produzira naquele mês e há quantos dias não jantava.

Certas tardes, Zita era liberada dos trabalhos na olaria para dedicar-se às plantações. Enquanto roçava o pasto, rezava três rosários, ou seja, quase 500 ave marias. As orações eram dedicadas à sua família, sobretudo ao pai, que parecia cada vez mais doente. Seu Rodolfo era um homem trabalhador mas, certos dias, apresentava sintomas relacionados a fadiga e fraqueza. Alguns vizinhos aconselhavam que homem procurasse os médicos “da cidade” - como a comunidade se referia à capital do estado, Florianópolis - mas o pai de família procurava descansar esporadicamente e apostava em chás, os grandes companheiros das mães e avós que, além de benzer de cobreiro, arcas caídas, zipra e mal olhado, transmitiam seus conhecimentos naturais através de gerações. A avó de Zita, Dona Augusta, era chamada constantemente para “benzer de fogo”. Ela ia até terrenos ou casas incendiadas e benzia os locais para que o fogo cessasse. O acesso à água não era tão fácil, por isso, até que o local tivesse o fogo controlado era preciso invocar ajudas maiores.

Ainda assim, a saúde de Seu Rodolfo piorou. O homem vivia com falta de ar, inchado e roxo. Quando lhe perguntavam o que sentia, ele dizia que o coração estava inchando. Descansos prolongados pareciam ajudar, mas ainda assim, os filhos observaram a saúde do pai se esvaír um pouco a cada dia. Para isso, nem Dona Augusta tinha a reza certa. Mas Zita tinha seus rosários rezados debaixo do sol, com a enxada nas mãos.

MAIS COVAS

Este não era muito jovem, mas serviria. O cavalo que puxava a carroça com os irmãos era tão magro quanto o último, mas parecia aguentar o trabalho. O "bolieiro" - quem detinha as rédeas do veículo de tração animal - era, desta vez, Sebastião, um dos irmãos mais novos de Zita, que o acompanhava na boléia da carroça. Eles dirigiam-se para o morro onde Adenir, outro irmão, esperava com a pá nas mãos e covas bem cavadas. Ele ficava responsável por separar a terra vermelha que seria levada até as olarias pelo casal de irmãos. Ao chegar no local, Zita desceu da boléia e começou a encher a carroça.

- Descanse, Adenir! Você tem mais uns minutinhos até terminarmos aqui. - avisou a irmã mais velha.

Adenir nem respondeu. Já estava no alto do morro com uma rodinha, peça que restou de um de seus brinquedos. Lá no alto, o pequeno brincava de carrinho. A rodinha que, com toda a imaginação da criança que beirava seus sete anos, tornara-se o mais bonito e veloz dos caminhões. Zita o observava brincar e, no fundo, entendia que aquela não era a realidade que desejava para os irmãos - destinados a brincar entre as tarefas que lhes exigiam força e determinação quando deveriam estar em qualquer outro lugar sendo somente crianças. Zita não se lembra de ter sido criança. Teria já nascido adulta, afinal?

A saúde do pai era cada vez mais incerta e a sanidade da mãe também. A mulher cuidava do marido, dividia seu tempo com as crianças, a olaria e a costura e preocupava-se com as dívidas que acumulavam. Quando Seu Rodolfo resolveu, enfim, procurar o médico estava desesperado. Na época, o paciente que queixava-se de inchaço no coração foi atendido por um oftalmologista que concluiu que sua doença era grave. Naquele dia, o pai de Zita não voltou para casa. Ficaria internado do Hospital Carmela Dutra, em Florianópolis. A esposa o acompanhou e, mais uma vez, Zita tornou-se o elo e o guia dentro de casa, amparando os irmãos e fazendo de tudo para que os trabalhos não parassem, afinal, se não houvessem tijolos, também não haveria a próxima refeição. Dois dias passaram com Seu Rodolfo internado. No fim do segundo dia, o homem com pouco mais de 40 anos faleceu.

Aos 38 anos, Antônia, mãe de Zita, ficou viúva. Por meses, a família viu-se emaranhada pelas dívidas, fome e saudade e as noites não serviam mais para dormir. Elas eram palco para as mãos incansáveis de mãe e filha que passaram a bordar e costurar para pequenas lojas no centro de Florianópolis.

A menina, na flor dos seus 17 anos, dividia o tempo entre irmãos, tijolos e agulhas. Nos dias de inverno rigoroso, as sandálias continuavam dispensadas já que parte do trabalho nas olarias era dentro da água que umedecia o barro para ser enformado. Depois de horas, os pés e pernas ficavam completamente vermelhos, tamanha a exposição ao frio. A barra das saias e vestidos usados por Zita eram encharcados de barro que secava e grudava nas canelas. Para uma adolescente, ver-se nesta situação não lhe nutria a autoconfiança ou mesmo o autocuidado. Zita envergonha-se dos moços e moças que passavam pela estrada e a viam trabalhando “feito homem” nas covas de barro.

Os meses se passaram e o destino presenteou a família com a ajuda dos vizinhos e pagamento das dívidas. Um dos servidores da Prefeitura de Palhoça que visitava os estabelecimentos para cobrar impostos compadeceu-se da família certa tarde. Ao ver que apenas crianças trabalhavam na olaria, perdoou o que Antônia devia e os tributos não foram cobrados naquele ano. O mundo era outro, por isso, a ausência das crianças em salas de aula não foi questionada. Ainda que fosse, Zita não vê de que outra forma a família teria sobrevivido se não fosse a força que encontraram uns nos outros e na labuta junto à confecção de tijolos. Com mais comida na mesa e noites bem dormidas, os dias da família Santos pareceram colorir novamente.

PAIXÃO PELA BICICLETA

Os padres visitavam as casas nos meses de maio e junho e Zita, em uma tentativa de interagir com outras meninas e passar um tempo longe das olarias, voluntariou-se para a limpeza do salão paroquial. Nos finais de semana, muitos jovens também se reuniam em um pequeno campo perto da praça do bairro Cova Funda para jogar futebol. Eram nesses momentos que os namoricos começavam. Um olhar aqui, outro lá. Os rapazes apresentavam os amigos que, por sua vez, se interessavam pelas amigas e, assim, os casais se formavam.

Em um destes jogos, Zita conheceu Dedé. O rapaz era do bairro vizinho e, aos finais de semana, visitava o local com um amigo conhecido de Zita. Ele tinha cabelo bonito e estava sempre acompanhado de uma bicicleta belíssima. A dupla chamou a atenção da garota e, conversa vai, conversa vem, não demorou muito para que o namoro começasse.

O calendário passou a fazer parte da vida da menina que continuou com o hábito de contar. Contava os dias e as horas para a visita do menino da bicicleta. Quando ele chegava para uma visita, normalmente aos sábados, os sinos da “magrela” eram como música para Zita que deixava para se arrumar sempre em cima da hora. Dona Augusta “ralhava” com a neta.

- Quero ver você não estar pronta e ele acabar indo embora! - dizia ela. Mas ele nunca foi. Os cafés eram realizados na cozinha da pequena casa de madeira que abrigava a família da menina e depois de quase três anos o casamento foi marcado. Zita se mudaria. A mulher trocava seus outros irmãos para morar com a sogra e construir sua própria família.

O dia do casamento foi um misto de sentimentos. Zita sentia-se feliz por casar-se com alguém que amava e triste por deixar a casa que a acolheu em dias de cansaço, frutos do trabalho nas plantações e olaria, em dias de comunhão, com as brincadeiras feitas entre os irmãos, nos dias tristes de luto pela perda do pai e nos dias felizes a espera da visita de Dedé. Os irmãos choraram. Dona Antoninha chorou. Zita também.

A olaria sobreviveu cerca de um ano após a mudança de Zita que passou a trabalhar em casa. A família do marido não esbanjava, mas garantia o pão na mesa e o acalento do lar. As vizinhas, amigas e irmãs de Zita passaram a comentar o quanto o casamento lhe fez bem. Zita estava mais bonita e ela sabia que comer melhor a tinha feito engrossar as coxas e aumentar as maçãs do rosto. Zita estava feliz.

O novo lar foi construído com o nascimento dos três filhos e, posteriormente, dos netos. O hábito de contar continuou o mesmo e até hoje a palhocense conta tudo o que vê pela frente. Quantos bagos de feijão estragados separou do restante, quantas batatas descascou, quantas vezes esfregou parte da panela, quantas vezes os filhos e netos chamaram por ela e, mais importante, quantos anos se passaram desde que deixou a Cova Funda. Lá se vão mais de 50 anos de casamento e aos 78 anos a senhora continua ganhando netos e colecionando cabelos brancos. Ela nunca os pintou e cada um deles conta uma história de superação e coragem.

Ainda hoje, Zita senta para tomar café - não mais os cafés que ela mesma colhia, torrava e passava no cafezal atrás de casa - para contar suas histórias aos netos curiosos. Os cafezais não existem mais, assim como a olaria. A senhora deixou o barro que lhe acompanhou durante a infância que não foi infância. “Nós

passamos muita fome", repete, sentada em sua cadeira de sempre em cafés da tarde fartos rodeada da família que continua crescendo. "Mas Deus foi bom", ela conclui. A idosa luta diariamente com dores que não vão embora. Seus problemas de artrose e artrite avançados, às vezes, são questionados por ela. Os dias de frio intenso passados dentro da água gelada, o esforço dobrado e as andanças sem fim teriam contribuído para os problemas que hoje tem para caminhar?

Em resposta, Zita une as mãos e afirma: "Se coloquei comida na boca dos meus irmãos, é isto que importa."

O café, plantado e colhido por mãos humanas, carrega as energias doadas pelo trabalho e comunhão. As raízes do cafezal, hoje, entrelaçam histórias de uma família. Mais que isso, a história de mulheres que inspiraram umas às outras. Por isso, esta memória em forma de conto pode ser essencial para “Mulheres do barro”.

* Conto de Júlia Matos de Oliveira, bisneta de Antônia dos Santos e neta de Zita Antônia de Matos.

O NOSSO CAFÉ

Memórias de Júlia Matos nos cafezais de Zita e Dedé.

Às vezes, sinto falta daquele café. Esse o qual me refiro é um café diferente, desses que você não consegue encontrar em qualquer padaria, bar ou lanchonete. Não está na minha casa ou na sua. Ele permanece intacto, incólume e incorrupto na minha memória. Se fechar os olhos e me concentrar, consigo até vê-lo. Tocá-lo, ainda verde no pé.

Minha avó, mais alta do que jamais foi, com um pano amarrado em sua cintura e um grande anzol de metal, recolhe os grãos de café dos galhos mais altos. O cafezal, na realidade, não passa de um pequeno “cafezeiro”, como o chamam. Eu tento ajudar a mãe de minha mãe a recolher os grãosinhos avermelhados, mas sou apenas uma criança que atrapalha os adultos andando de um lado para o outro da chácara. Meu avô deve estar em algum lugar próximo, talvez escondido pelos outros pés de café. Ou quem sabe tenha saído com sua carroça.

Quando o pano em sua cintura pesa e nem mais um grão é capaz de se juntar ao restante já colhido, minha avó despeja tudo em um grande balaio. Posso apostar que ela contou quantos bagos de café conseguiu colher. Ela faz muito isso. Conta tudo ao seu redor, é uma de suas peculiaridades. Às vezes, imagino ela em outra vida como um cidadão romano fazendo cálculos com seu ábaco, aquele instrumento de madeira que vemos nos filmes, desenvolvido para fazer contas enquanto as bolinhas são jogadas para cima e para baixo com barulhinhos engraçados.

Descalça, continuo andando de um lado para o outro. O chão de terra bem varrido por minha avó, agora acumula algumas das folhas que caíram durante a

colheita. Enquanto a observo carregando os grandes balaios de café com a ajuda do meu tio, penso que a melhor parte ainda está por vir.

Os grãos são deixados no sol para secar. Grandes lençóis pretos de plástico são estendidos na grama ao lado da casa antiga de meus avós, e lá repousam os grãos até secarem. Eu brincava entre os corredores de café estendidos no chão e, de vez em quando, sem que ninguém visse, andava em meio aos grãos. Me auto proclamava vencedora quando meus pés não tocavam em nenhum deles. E assim, depois de desidratados, eram recolhidos e jogados no pilão.

Meu avô parecia o mais forte de todos os homens ao erguer o bastão de madeira pesado e triturar os baguinhos de café já escuros do sol. Eu implorava que ele me deixasse ajudá-lo e quando era enfim atendida, não tinha forças o suficiente para segurar o socador. Erguia poucos centímetros acima da cabeça e cansava na terceira investida. Melhor deixar esta parte com vovô!

Enquanto as novas remessas do grão chegavam para passarem pela experiência do pilão, aqueles, já triturados, iam direto para a peneira de minha avó. Ela sacudia a peneira e jogava os grãos para o alto. Para minha surpresa, nenhum caía no chão. As pequenas folhas, pedrinhas e gravetos que haviam acompanhado o café até aquele momento, agora tinham seus destinos separados. Ansiosa, esperava sentada pelo momento mais delicioso dos dias de “fazer café”. Era hora de fazer fogo!

No meio da chácara, cercada por bambus que proporcionavam os melhores espaços de sombra, enquanto ouvíamos os altos estalos da madeira, era aberta uma pequena clareira. O terreno era bem varrido e no meio, com a ajuda de palha seca e gravetos, meu avô acendia uma fogueira, onde era colocado o caldeirão. Vovó sentava em seu banquinho e vovô não sentava nunca. No máximo, se acocorava ao redor do fogo, não deixando que apagassem. Como uma feiticeira, vovó mexia a caldeira torrando o café. O cheirinho e a fumaça alcançavam os vizinhos. Alguns se achegavam para conversar enquanto a mágica acontecia.

Primeiro a torra, depois o açúcar. E eu, criança, esperava por esse momento que reunia a felicidade de uma neta e a curiosidade da menina que não entendia como aquele grão transformava-se no líquido delicioso, misturado com o leite fornecido pelas vacas de meu avô, nas tardes que se seguiriam. Depois que o açúcar virava melado, vovô procurava o graveto perfeito. Assim que encontrávamos o escolhido, meu avô o limpava nas roupas, não muito limpas, e passava no melado

que endurecia na madeira transformando-se na balinha mais deliciosa. O pó torrado era misturado ao melado de açúcar que borbulhava no caldeirão e, depois de frio, era levado outra vez ao pilão. Socado novamente - e como sofre esse meu amigo café - era passado por várias peneiras até estar finalmente pronto.

Eu sorrio ao constatar que essa é uma das memórias mais incríveis de toda a minha infância. Ela carrega o sabor de família, o cheirinho de afeto e o toque quente do cuidado. Nessas lembranças, ainda vejo vovô com seu antigo bigode e vovó com os cabelos menos brancos. Muita coisa mudou e esse café, mais íntimo que qualquer outro café desta terra, permanece são e salvo em um lugar onde ninguém poderá arrancá-lo. O cafeeiro cravou suas raízes no meu coração e cresce feliz a cada novo encontro em família. Ele sabe o seu lugar e não o deixará tão cedo, este nosso café!

Querida Bisa Antoninha,

Estou cheia de você. E não se engane, pois estas palavras são escritas com todo o carinho e amor que eu resgatei ao reconhecê-la. Eu estou, de fato, cheia de você. Meus olhos e ouvidos foram preenchidos pela sua simplicidade e talvez eu tenha passado a enxergar o mundo com ainda mais empatia. Meu coração tornou-se mais poético, meus braços mais fortes e minhas pernas estão prontas para subir as montanhas da vida. Tudo isto, inspirada em você.

Lhe vejo em todos os cantos: em mulheres humildes, naquelas que muito sorriem e naquelas que sabem chorar. Enxergo a senhora em mulheres de joelhos na missa a orar, nas mãos de muitos filhos e naquelas que tentam esconder os desafios do mundo em boas piadas. De vez em quando, vejo garotas escrevendo em cadernos e diários - eles ainda existem - e penso em você. Quando encontro seus filhos, netos, bisnetos e tataranetos, me pergunto se eles também pensam em você quando leem poemas ou escrevem cartas.

O Universo, às vezes, parece confuso. A verdade verdadeira, aquela que fica guardada no fundo do peito, é que eu não a conhecia. Até o dia de sua partida, a senhora era para mim uma velhinha magra e enrugada que vivia deitadinha no pequeno quarto de uma casa na Cova Funda. A senhora sempre sorria quando a visitávamos e nas festas de família esperava que todos os seus, um por um, fossem até seu recanto, sentassem com todo o cuidado na ponta da cama de solteiro em que você vivia, lhe segurassem as mãos e pedissem sua benção. “Pede a benção para a Bisa, Júlia”, minha mãe dizia. Eu pedia e você sorria. “Deus te abençoe, minha filha.”

Sempre lhe abracei com medo. Não de você, mas de lhe quebrar. Tão pequenina, parecia cada vez mais fraca a cada visita. E não foram muitas, não é mesmo? Mas veja bem, eu, no fundo, não lhe conhecia. E para uma criança, uma senhora magra e enrugada em uma cama, não parecia muito interessante. Mas falavam de você. Quando comecei a escrever alguns poemas, antes mesmo de saber que a senhora escrevia, muitos diziam “Ah, mas ela é bisneta da Dona Antônia.”. Era um elogio, mas eu não entendia. Anos mais tarde, no seu aniversário de 90 anos, eu e Alessandra, suas duas bisnetas, pensamos em escrever uma homenagem. Ela também fazia poemas e eu amava escrever. Que boa oportunidade! Essa foi a primeira vez que tivemos contato com seus escritos. Para

quem falava muito pouco, nunca entendi como haviam tantas de suas palavras em papel.

Meses depois, a senhora se foi. Mas a sementinha havia sido competentemente plantada pelo Universo, ele que nunca dá muitas explicações. Segue seu rumo, organizado e pontual. Dia e noite. Ano após ano. No seu velório decidi, sem que ninguém visse, colocar uma cartinha, escrita com cuidado e respeito, próximo de sua mão direita. Será que a senhora a leu? Naquele dia eu chorei. Chorei por uma bisavó que eu nunca tinha conhecido.

Os anos se passaram e você se fez cada vez mais presente. Fiquei mais curiosa e passei a fazer mais perguntas. Quem foi você? Como foi sua vida? Quais foram suas vitórias, suas derrotas, suas conquistas? E você deu um jeitinho de me responder.

Antônia dos Santos foi um dos pilares de uma pequena comunidade. Aprendi com sua história que quando pouco se tem, muitos se unem. Quando as oportunidades são limitadas, a criatividade é instigada. Quando muito se sofre, mais você tem para ensinar. E se hoje você perdeu para o jogo da vida, amanhã você pode novamente tentar.

O Jornalismo, Bisa, desenvolve nosso olhar. De repente, eu entendi que aquela senhora magra, enrugada e fraquinha na pequena cama de solteiro tinha muito a falar. E eu tentei te ouvir. Por isso, hoje estou aqui. Seus mais de 16 cadernos, escritos a caneta e lápis por suas mãos calejadas pelo tempo, manchadas de suor e cumprimentadas por sua força, me trouxeram descobertas incríveis. Muitas vezes procuramos inspiração em grandes nomes e importantes personalidades. Com você e através de você, percebi que mulheres únicas viveram juntas em um pedacinho de terra muito próximo de mim. São Sebastião, nossa Cova Funda, foi um ninho de superação e parceria. Fui atrás de histórias não contadas e agora, vejo que ainda há muitas prontas para serem ouvidas. Elas esperam, pacientes, em suas janelas. Aguardam que alguém note que elas estiveram sempre ali.

Seus cadernos chegaram até mim. Tive vontade de conhecer seu avô, amigo João, escutar as histórias de seu irmão no garimpo, agradecer sua mãe por ter lhe criado com tanto esmero, perguntar para o Biso Rodolfo um pouco mais sobre o casamento de vocês, lhe abraçar pela obstinação de criar os filhos e viajar com seu grupo de idosos. Eu gostaria de ter colhido café com a senhora um dia, ter feito

carinho naquele seu cavalo esperto, ter lhe ajudado a desenformar tijolos, aprender a costurar como você fazia e, quem sabe, fazer um poema só para você. Já lhe fizeram poemas, Bisa? Tantos ganharam rimas suas, mas me pergunto se você ganhou palavras escritas só para você.

A Cova Funda está bem, muito obrigada! A Igreja de São Sebastião completou seu centenário este ano e você teria amado! No final de semana reservado para a comemoração, parte da comunidade preparou um espaço para visita exaltando as principais personalidades desta comunidade. Você e seus poemas foram expostos logo na entrada. Sua vida era apresentada como em uma saudação do bairro para seus moradores. Na grande foto, colocada na porta, você aparecia com o mesmo sorriso de sempre, meio acanhado mas genuíno. Vovó Zita, sua filha, estava tão orgulhosa. Foi lindo observar as pessoas chegando, olhando para a senhora e contando algo que tinham vivido ao seu lado. Uns tinham peças de roupa costuradas pela senhora, outros tinham participado da sua coroação como Rainha de São Sebastião, aos quase 80 anos de idade e outros, como minha mãe, passaram a recordar sua personalidade única. Moderna para a época que viveu e esperançosa, mesmo em meio aos desafios.

Este ano, pensando sobre o que eu poderia escrever para concluir meu curso na Universidade, lembrei de muitas das mulheres que trabalharam como a senhora para sustentar a família. Para uma primeira visita, um olhar de longe, olarias não são locais muito poéticos. Construídas em espaços onde a terra vermelha predomina e, com terra vermelha, pouco há de outras cores. Olarias são empoeiradas, os fornos são escuros e a lenha torna-se cinzas. Mas a senhora, assim como essas outras quatro mulheres representadas nestas páginas, e muitas outras não citadas, tiraram da terra que não dava nada a força para criação de um lar.

Fui atrás de mulheres que, em uma época ainda mais machista e misógina, tempo em que a liberdade e a oportunidade entregue às mulheres ainda não era devidamente questionada, foram braços de uma comunidade. Passei a enxergar beleza nestas olarias, agora decoradas por vidas.

Sem a senhora, eu não teria conhecido a Dona Lena. Aos 22 anos pude ter oportunidade de extrair conhecimento de uma alma que deve conquistar seus 100 anos em breve. Encontrei uma amiga em Dona Zenir e desenvolvi um novo olhar para o trabalho infantil. Ela é o exemplo de que a sociedade ainda não sabe

amparar e proteger crianças. Ouvi sua história com o coração aberto, pronta para recontá-la, mas não foi fácil ver as marcas do trabalho em suas mãos, cicatrizes de uma criança que talvez nunca tenha sido uma. Dona Lalinha também me ofereceu grandes oportunidades. Sua trajetória, fundada e construída por ações altruístas, me fizeram ter esperança nos humanos. Caminhamos todos os dias, almas apressadas e alheias ao que se passa ao nosso redor. O jornalismo trabalha contra isso. Já Dona Lalinha, viveu combatendo o mesmo. E Dona Zita? Bem, Dona Zita é a pessoa mais forte que eu conheci em toda a minha vida. Não é à toa que ela é sua filha. E é um dádiva que ela seja minha avó.

Hoje, quando me vejo questionando a justiça de Deus ou mesmo o equilíbrio do Universo, penso um pouco sobre eu e você. Seria justo te conhecer só depois de sua morte? Não seria uma história muito mais bonita se tivéssemos sido amigas desde o início? Concluo, em meio ao nosso caminhar, o meu e o da senhora, que as oportunidades surgem em momentos de incerteza. É isso que os jornalistas buscam: respostas. Quando não as encontramos, voltamos a fazer mais perguntas e se não nos interessássemos tanto pela vida, muitas histórias permaneceriam não contatadas, pessoas não teriam a oportunidade de serem compreendidas e valores não seriam questionados. Sem você e sua ausência, estes textos não seriam escritos. Por isso, obrigada. Sua vida fez sentido, Bisa. Sua morte também.

Falando em coerência do destino, aproveito para lhe contar boas novas. A família toda está esperando, ansiosamente, o nascimento da sua tataraneta. Todos nós estamos cheios de alegria, aguardando este serzinho que se desenvolve na barriga da Alessandra, aquela que comigo escreveu sua homenagem de 90 anos. A pequenina vai nascer em 2023, no ano em que a senhora completaria centenário. Fui convidada, em um encontro belíssimo, para batizá-la. Esta que nascerá com a responsabilidade de carregar o nome mais bonito e potente da família, homenageando uma fonte de força e poesia. Esta que virá ao mundo direto para mãos de amor. Esta que nascerá com o nome de Antônia.

E assim, me despeço da senhora apenas por ora. Continuo com seus cadernos, suas memórias e seus ensinamentos. Prometo passá-los para a pequena Antônia também. Saiba que a senhora continua inspirando pessoas e contribuindo para um mundo melhor. E quando puder, se achegue para nos visitar. Ainda sinto a senhora perto, cada vez mais.

Grata por sua vida.

Com amor,

Júlia.